

História Geral 4
História Contemporânea II

Pré-Vestibular
Teoria e Exercícios Propostos

índice.história geral 4

Capítulo 01. O Mundo em Guerra

1. Imperialismo	9
1.1. Comparação entre o Antigo Colonialismo e o Neocolonialismo	11
1.2. Imperialismo na África	11
1.3. Imperialismo na Ásia	13
2. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918).....	14
2.1. Fatores Estruturais e Conjunturais	14
2.2. Os Principais Conflitos e os Antecedentes da Guerra	15
2.3. Causa Imediata	16
2.4. O Conflito	16
2.5. A Entrada dos EUA e sua Proposta de Paz	17
2.6. A Saída da Rússia	18
2.7. O Fim da Guerra	18
3. Os Tratados Pós-Guerra	18
3.1. Tratado de Versalhes	18
3.2. Fundação da Liga das Nações	18
3.3. Tratados de Saint-Germain, Neully, Trianon e Sèvres	19
4. Conseqüências da Primeira Guerra Mundial	20

Capítulo 02. A Escalada do Totalitarismo

1. Revolução Russa (1917)	21
1.1. A Rússia do Século XIX	21
1.2. Antecedentes e Fatores da Revolução	22
1.3. As Etapas e o Processo da Revolução	23
2. O Avanço Nazi-fascista	26
3. A Crise de 1929 e o <i>New Deal</i>	28
3.1. Os Estados Unidos Antes da Crise	28
3.2. Os Estados Unidos na Crise	29
3.3. Os Estados Unidos Saem da Crise	29
4. Nazismo	31
4.1. A Alemanha no Pós-Guerra	31
4.2. A República de Weimar (1919-1933)	31
4.3. O Avanço Nazi	32
4.4. A Escalada Nazi Rumo ao Poder	32
4.5. O Terceiro <i>Reich</i>	33

índice.história geral 4

Capítulo 03. A Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

1. Fatores e Antecedentes	34
1.1. O Rearmamento Alemão	34
1.2. A Política Externa de Hitler	34
1.3. A Guerra Civil Espanhola	34
1.4. As Alianças	35
1.5. O <i>Anschluss</i>	35
1.6. A Crise da Tchecoslováquia	35
1.7. A Vez da Polônia e o Início da Guerra	36
2. A Guerra	36
3. Os Acordos de Paz	37
3.1. Conferências dos Três Grandes: Roosevelt, Stalin e Churchill	38
3.2. O Imediato Pós-Guerra	38
3.3. A ONU	39

Capítulo 04. A Guerra Fria e a Expansão do Bloco Socialista

1. Guerra Fria	41
1.1. Guerra Fria "Clássica" (anos 40/50)	41
1.2. A Coexistência Pacífica (anos 60/70)	46
1.3. A Nova Guerra Fria (anos 80/90)	46
2. A URSS e a Europa Oriental	47
3. A China e a Revolução	49
4. O Socialismo no Sudeste Asiático	50

Capítulo 05. Descolonização Afro-Asiática

1. África	53
2. Ásia	56

Capítulo 06. A América Latina no Século XX

1. México	59
1.1. Revolução Mexicana	59
1.2. Populismo	60
2. Chile	61
3. Peru	63
4. Cuba	64
5. Nicarágua	65

Índice.história geral 4

Capítulo 07. Oriente Médio

1. O Conflito Árabe – Judeu	68
2. O Líbano e a Guerra Civil	70
3. Do Irã dos Aiatolás à Guerra do Golfo	70

Capítulo 08. A Crise do Socialismo Autoritário e a Nova Ordem Mundial

1. O Fim da URSS	72
2. A Perestróica e a <i>Glasnost</i>	72
3. O Bloco Socialista do Leste Europeu	75
4. O Pós-Guerra (1945-anos 80/90)	77
5. A “Nova Ordem” (Anos 90–)	77
6. A Multipolaridade	77
7. O Neoliberalismo	78
8. Globalização?	79
8.1. Características Básicas	79
8.2. Problemas e Conseqüências	79

Exercícios Propostos	81
-----------------------------------	-----------



Capítulo 01. O Mundo em Guerra

1. Imperialismo

O final do século XIX e os primeiros anos do século XX testemunham um estágio de desenvolvimento do capitalismo em que os grandes capitais vão condicionar a interferência das potências europeias e dos norte-americanos nas regiões coloniais da Ásia, América e África.

Surgem como principais Estados industriais Grã-Bretanha, os Estados Unidos e a Alemanha, enquanto a França e o Japão começam a despontar como forças do capitalismo contemporâneo. Essas nações vão empenhar-se na disputa colonial, estabelecendo-se com o tempo as zonas de influência de cada país colonizador.

As colônias representam fator de alta importância para a manutenção e para a sobrevivência do sistema em progressiva aceleração, por serem terras despovoadas, por vezes ricas em minerais, ou com fartas possibilidades para o desenvolvimento de culturas necessárias à indústria como, por exemplo, o algodão.

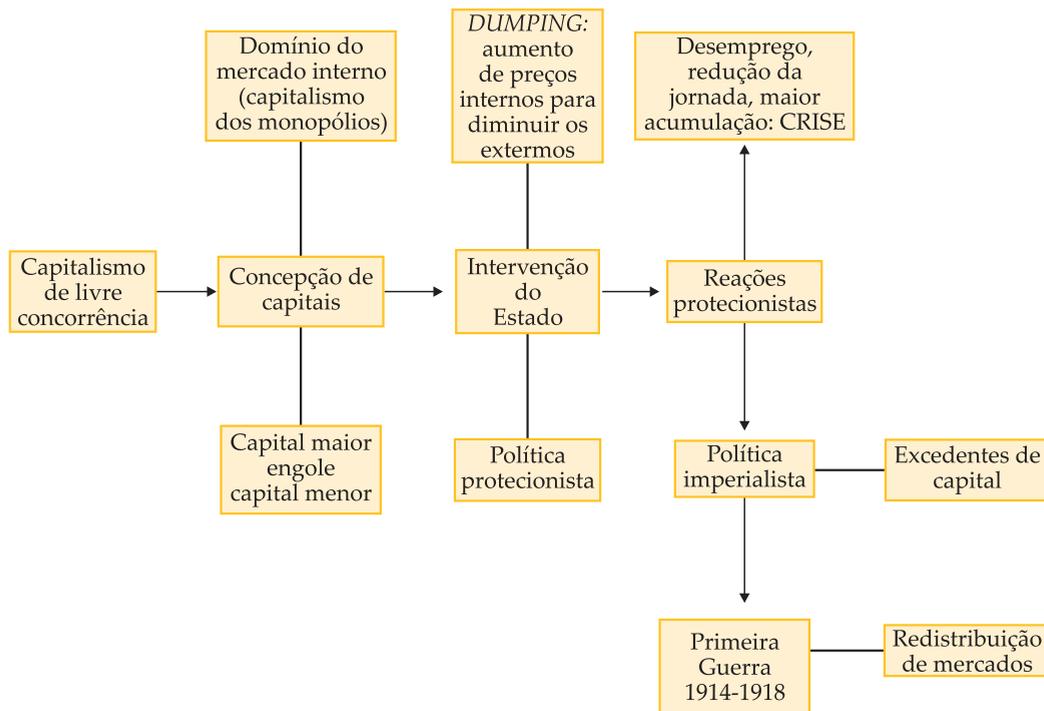
Portanto, os progressos técnicos e científicos, que vêm se desenvolvendo desde meados do século XIX, possibilitam a utilização de novas fontes de energia (eletricidade, petróleo), originando novas indústrias (eletrotécnicas, químicas) e um desenvolvimento no setor de transportes e comunicações. Esses fatores são decisivos no crescimento comercial das potências europeias, as quais se envolverão, inclusive militarmente, na disputa pelas colônias, o que im-

plicaria o militarismo e a proliferação de bases (principalmente marítimas), condições importantíssimas para o domínio do mundo.

Também como resultado da Segunda Revolução Industrial, as indústrias tornaram-se muito dependentes dos bancos, pela necessidade de empréstimos. Assim, os bancos quase sempre acabavam controlando vastos complexos industriais, sem ter com a produção nenhuma relação direta. Tal fato começaria a compor o denominado capitalismo financeiro. Os mecanismos de atuação do capitalismo financeiro foram:

- as **holdings**: grandes empresas financeiras que, sem terem relação direta com a produção, dominam vastos complexos industriais que se mantêm juridicamente independentes;
- os **trustes**: acumulação vertical de capital (a independência das empresas desaparece no meio de uma única sociedade gigante);
- os **cartéis**: acumulação horizontal de capital (acordo pela divisão de mercado, em que as empresas preservam sua independência jurídica).

Essas modificações estruturais na evolução do capitalismo contribuíram sobremaneira para acentuar as tensões nas disputas por mercados e territórios o que levaria à Primeira Grande Guerra Mundial, no início do século XX (1914-1918). Observe o organograma.



Os capitalistas, visando a aumentar seus lucros, resolvem exportar o capital excedente para “países atrasados”, onde os lucros seriam certos, pois os preços da terra e das matérias-primas eram relativamente baratos, o capitalismo escasso e os salários muito baixos.

O capital excedente, que precisava de um escoadouro, optou, então, pela incorporação de novas áreas coloniais e, em poucas décadas, o mundo estava todo dividido: a África partilhada, a Ásia repartida em colônias e áreas de influência e a América Latina dependente, sobretudo dos capitais ingleses e norte-americanos.

Assim, o banqueiro e o industrial associaram-se na política de conquistar colônias e controlar áreas de influência. Com a exportação de capital excedente para essas áreas, ficaria assegurado também um mercado consumidor para os produtos industriais.

O ponto de partida da partilha africana foi a Conferência de Berlim (1884-1885), convocada pelo rei Leopoldo da Bélgica. Essa conferência delimitou as normas a serem seguidas pelas potências colonizadoras.

A aliança banco-indústria, na busca de mercados para seus capitais e produtos, foi a mola mestra do imperialismo. E o neocolonialismo foi, então, um aspecto do imperialismo.

Esse imperialismo adquire duas funções nítidas:

- **imperialismo formal:** dominação direta através de uma política neocolonialista, como ocorreu na África e na Ásia.
- **imperialismo informal:** dominação indireta que se constitui de empréstimos oficiais, financiamento da construção de estradas de ferro e criação de empresas de serviços públicos, como ocorreu na América Latina.

A ação imperialista foi marcada pela “diplomacia do canhão”, justificada pela ideologia do “fardo do homem branco”, que deixava sua família e seu conforto na metrópole para melhorar as condições de existência dos povos primitivos, numa verdadeira missão de razões filantrópicas e humanitárias. Essa concepção de desenvolvimento e civilização dá origem a uma ideologia eurocentrista que justifica a dominação etnológica.

1.1. Comparação entre o Antigo Colonialismo e o Neocolonialismo

	Antigo colonialismo	Neocolonialismo
Período	Séculos XVI, XVII, XVIII	Século XIX a 1945
Áreas atingidas	América	Ásia e África
Potências colonizadoras	Espanha e Portugal; secundariamente Inglaterra, França e Holanda	Inglaterra, França, Bélgica, Holanda, Alemanha, Itália, EUA e Japão
Política econômica	Mercantil (capital comercial)	Liberalismo econômico (capital industrial e bancário)
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Especiarias e alimentos para o comércio • Metais preciosos • Matérias-primas para manufaturas • Escravos (África) 	<ul style="list-style-type: none"> • Exportação de excedentes de capital • Domínio sobre mercados produtores de matérias-primas e mercados consumidores de industrializados • Busca de pontos estratégicos • Localização de excedentes populacionais
Principal agente	O Estado moderno	A burguesia

Os processos de colonização também diferiram em relação aos da Idade Moderna. Podemos destacar quatro tipos de colônias:

- as de enraizamento, com grande emigração européia;
- as de enquadramento, com o europeu como minoria dirigente;
- os protetorados, onde o europeu mantém cargos de menor importância, mas dirige de fato a colônia;
- as áreas de influência, onde permanece um governo nacional, que faz, no entanto, várias concessões ao imperialismo.

1.2. Imperialismo na África

Na África, a preponderância é nitidamente dos ingleses, que esboçaram o projeto de ir “do Cairo ao Cabo”, projeto afinal bloqueado quando a Alemanha dominou Ruanda-Burundi e Tanganica (África Oriental).

Na África mediterrânea, ou do Norte, os conflitos maiores ficaram por conta das rivalidades franco-britânicas sobre o Egito, e culminaram com o estabelecimento do protetorado inglês. Com relação ao Marrocos, a disputa envolveu principalmente a Alemanha e a França, dando origem a numerosas crises.



Na África negra, ou subsaariana, as disputas foram as mais acirradas, em virtude da presença e interesses de outras potências. O mapa mostra isso claramente.

No sul da África, a presença maior é de ingleses e portugueses, estes já de longa data. Os ingleses dominaram a região do Cabo e

de Natal. Em seguida, tiveram problemas com os **bôeres**, que habitavam o Transvaal e Orange. Os bôeres eram africanos descendentes de holandeses que tentavam impedir que os ingleses explorassem o ouro e os diamantes em Orange. A Guerra dos Bôeres (1899-1902) determinou a vitória inglesa, formando-se a União Sul-Africana.

1.3. Imperialismo na Ásia

O domínio da Ásia pode ser acompanhado pelo mapa.

A China era o alvo mais cobiçado, sendo repartida (*break-up*) em áreas de influência de várias nações, inclusive de uma nação asiática, o Japão, que, após a Revolução Meiji, iniciara seu processo de industrialização. Os chineses não aceitaram passivamente o domínio. Expressão disso são as várias rebeliões ocorridas naquele período, principalmente a de Taiping (1851-1864) e a dos Boxers (1900-1901), a primeira de caráter nitidamente camponês e a segunda voltada essencialmente contra o domínio econômico e cultural estrangeiro.



Mapa da Ásia colonizada pelos países europeus e pelos Estados Unidos durante o século XIX e início do século XX.

Exercícios Resolvidos

01. Identifique os fatores que originaram o retorno ao imperialismo e ao colonialismo na segunda metade do século XIX.

Resposta

Com o grande crescimento industrial, os conglomerados precisavam expandir-se em busca de novas regiões produtoras de matérias-primas e possíveis compradoras de seus produtos industrializados. Esse foi o grande impulso ao imperialismo.

02. Reflita e explique a afirmação abaixo.

"A colonização é, pois, um estabelecimento fundado em país novo por uma raça de civilização avançada".

Resposta

O imperialismo europeu procurava justificar-se através da idéia do nacionalismo, que defendia a importância da posse de colônias para que um país se tornasse poderoso; da idéia do espírito missionário, que estimulava a propagação do cristianismo pelos povos pagãos; e da idéia da superioridade racial, que considerava a raça branca superior em todos os sentidos.

03. Analise as conseqüências do neocolonialismo (séculos XIX / XX).

Resposta

A partilha do mundo feita pelas potências europeias e o surgimento do choque do imperialismo contribuíram sobremaneira para a eclosão da Primeira Guerra Mundial.

2. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918)

2.1. Fatores Estruturais e Conjunturais

Por volta do final do século XIX e da primeira década do século XX, a Europa vivia um clima de otimismo e confiança, ao mesmo tempo em que o avanço da industrialização (Segunda Revolução Industrial – Difusão) e da corrida imperialista (neocolonialismo) denotavam uma fase do capitalismo capaz de gerar crises.

A constante disputa por mercados fornecedores e consumidores trazia uma forte inquietação e o prenúncio de um conflito iminente entre as potências européias. Esse embate, conhecido como Primeira Guerra Mundial (1914/18), ocorreu como resultado de um conjunto de fatores determinantes que, em nível conjuntural e estrutural, passaremos a analisar.

O imperialismo resultante da evolução do sistema capitalista para o chamado capitalismo monopolista, do qual teve origem a expansão colonialista em direção à África e Ásia, culminou num clima de disputas territoriais entre os países industrializados, contribuindo sobremaneira para o agravamento das tensões mundiais.

O rompimento do equilíbrio europeu após o surgimento da Alemanha pós-unificação (1871) foi um fator de grande importância para a eclosão do conflito. O crescimento econômico da Alemanha, apesar de sua unificação e industrialização tardia, foi surpreendente, pela rapidez e dimensão alcançadas. Num curto espaço de tempo, a Alemanha conseguiu superar economicamente a França e, no início do século XX, disputava com a Grã-Bretanha sua posição hegemônica em relação à Europa e ao mundo.

Nesse clima de disputa por mercados entre os países europeus industrializados, começou a se desenhar uma conjuntura de "Paz Armada", que levou os países industrializados a aumentarem sua produção de material bélico antevendo uma possível guerra.

O nacionalismo crescente nas múltiplas minorias nacionais, que foram englobadas às grandes monarquias européias (Congresso de Viena, 1814/15), contribuiu para acentuar as tensões no continente europeu. O Império austro-húngaro pode ser lembrado como o exemplo mais claro desse momento.

O Império era composto por um conjunto de pequenas nacionalidades (húngaros, croatas, romenos, tchecos, eslovacos, bósnios etc.) que não conseguiam manter la-

ços de unidade e organizavam-se para questionar, por meio de movimentos nacionalistas, a monarquia dual austro-húngara e lutar contra ela.

Em decorrência do clima de rivalidade e crescente hostilidade que envolvia a Europa, acentuou-se a "Política de Alianças", que teve em Bismarck, ao final da unificação alemã, o seu precursor. A Tríplice Aliança era formada pela Alemanha, Áustria-Hungria e Itália, enquanto a Tríplice Entente era composta por Inglaterra, França e Rússia.

2.2. Os Principais Conflitos e os Antecedentes da Guerra

- I. **Conflito Franco-Alemão** – A França queria o revanchismo sobre a Alsácia e Lorena, esta última extremamente rica em minério de ferro. Os alemães tomaram esses territórios após vitória sobre os franceses na guerra de 1870. A partir daí, a burguesia francesa alimentou na imprensa, igrejas, escolas e quartéis, cada vez mais, o espírito de revanche, que foi largamente responsável pela Grande Guerra. Esse conflito tornou-se mais agudo à medida que os dois países disputavam, na África, o Marrocos.
- II. **Conflito Anglo-Alemão** – O crescimento industrial alemão criou a concorrência comercial anglo-alemã; paralelamente a isso, crescia também a rivalidade naval. O desenvolvimento da Marinha alemã abalou o domínio inglês nos mares. Por outro lado, a Alemanha penetrava comercialmente no Império turco, e a prova disso foi o plano de construir a estrada de ferro Berlim – Bagdá. Esse empreendimento tornava mais fácil o acesso ao petróleo existente naquela região (Oriente Médio).
- III. **Conflito Germano-Russo** – Devido à disputa dos dois imperialismos no Leste europeu, sobretudo na Turquia.
- IV. **Conflito Austro-Russo** – Esse conflito girou em torno da Sérvia (região que, em 1830, tornou-se independente do Império turco). Havia o pan-eslavismo da Rússia, política pela qual essa nação procurava proteger os povos eslavos, presentes na Europa Central e nos Bálcãs, subjugados aos impérios turco e austríaco. O **crescimento da Sérvia** se colocava em função da independência e do agrupamento de uma série de povos eslavos, como os bosnianos, os croatas e os montenegrinos. Dessa forma, criava-se a Grande Sérvia ou atual Iugoslávia; entretanto, esse anseio chocava-se com os domínios dos impérios turco e austríaco. A guerra foi antecedida por uma corrida armamentista desenvolvida pelos países europeus a partir das crises do Marrocos e dos Bálcãs.
- V. **As Crises do Marrocos** – A disputa entre França e Alemanha pelo domínio daquele país quase levou à guerra, que só foi evitada graças à diplomacia de vários países. A questão marroquina foi resolvida em 1911, quando a França tomou o Marrocos e a Alemanha apoderou-se de uma parte do Congo Francês.
- VI. **As Crises Balcânicas** – Essas crises foram marcadas pelo crescimento da Sérvia e pelas rivalidades entre Rússia, Áustria e Turquia. Os planos de crescimento da Sérvia foram frustrados quando a Áustria, no ano de 1906, anexou os territórios da Bósnia e Herzegovina. Desse modo, os sérvios expandiram-se para o sul, onde desenvolveram vários conflitos contra a Turquia, sobretudo nos anos de 1911 e 1913. *As Guerras Balcânicas* (nome dado aos conflitos travados na região dos Bálcãs) fortaleceram a Sérvia, que agora se voltava com maior força contra a Áustria. Os sérvios aumentavam cada vez mais a propaganda nacionalista entre os eslavos dominados pela Áustria-Hungria. Pensando em

minimizar a agitação antiaustríaca, o *arquiduque Francisco Ferdinando*, futuro imperador do Império austro-húngaro, pretendia incluir um reino eslavo. Isso criaria uma monarquia tríplice e dificultaria a independência dos eslavos daquele império.

2.3. Causa Imediata

A crise diplomática surgiu com o assassinato do arquiduque da Áustria, Francisco Ferdinando (28/7/1914) em Sarajevo (Bósnia), por um patriota sérvio da sociedade secreta "Mão Negra".

Em Viena, decidiu-se eliminar, por uma humilhação diplomática ou guerra, a Sérvia, que era sempre fator de agitação antiaustríaca. Berlim concordou, mas a Rússia não aceitou a repressão, pois a Sérvia era instrumento do pan-eslavismo.

Em 23 de julho, um ultimato austríaco à Sérvia exigia que se desfizessem todas as agitações sérvias e que aceitassem a participação de funcionários austríacos nas perícias sobre o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando.

Sob o conselho da Rússia, a Sérvia rejeitou as imposições, alegando que o ultimato atentava contra a sua soberania. A Áustria declarou guerra à Sérvia, a Rússia mobilizou suas tropas destinadas a operar sobre as fronteiras austro-russas.

A Alemanha exigiu a desmobilização da Rússia e, como não obteve resposta, mobilizou-se. Quando a Alemanha invadiu a Bélgica para atacar a França, esta lhe declarou guerra.

2.4. O Conflito

A Primeira Grande Guerra apresentou três frentes de batalha:

- a frente ocidental, onde belgas, ingleses e franceses combatiam os alemães.
- a frente oriental, onde os russos combatiam os alemães.
- a frente dos Balcãs, onde os sérvios combatiam os austríacos.

O primeiro momento do conflito foi marcado pela **Guerra de Movimento** (de agosto a novembro de 1914).

No ano de 1914, o exército alemão tratou de colocar em prática seu plano de guerra chamado **Plano Schlieffen** (do general Von Schlieffen). Esse plano mostrava que a Alemanha deveria invadir primeiro a Bélgica, para facilitar depois a invasão da França e, em seguida, investir sobre a Rússia.

Na execução do plano, os alemães não contavam com um imprevisto: o avanço russo sobre a Alemanha. Isso exigiu da Alemanha a criação de uma frente oriental de combate, o que enfraqueceu a frente ocidental. Dessa forma, seu avanço sobre a França foi detido na batalha sobre o rio **Marne**, em setembro (**Batalha do Marne**).

Ainda no final de 1914, a guerra ganharia outra característica: a guerra de movimento seria substituída pela guerra de posições, isto é, uma **Guerra de Trincheiras**. Foram abertas trincheiras de ambos os lados (Aliados e Ententes) que iam desde o mar do Norte até a Suíça.

Do lado oriental, o exército russo mostrava sua fraqueza. A falta de equipamentos militares era notória no final de 1914; dessa forma, o exército russo começava a perder territórios para os alemães.



Em 1915, a Itália entrava na guerra ao lado da Entente, surpreendendo o mundo. É que esse país manifestava interesse em tomar territórios controlados pela Áustria-Hungria.

Em 1917, a situação tornava-se difícil. Na França, Inglaterra, Alemanha e Rússia estouravam levantes populares, sobretudo de operários, recusando a guerra. Nesses levantes populares, os operários tentavam se organizar em conselhos de fábrica, por meio dos quais buscavam, inclusive, o controle da produção industrial.

Entretanto, nesse ano, ambos os lados do conflito tentaram quebrar o equilíbrio de forças em busca da vitória; foi assim que a Alemanha investiu sobre a Inglaterra com uma nova estratégia de guerra: a guerra submarina. Por meio dela, os alemães pretendiam interromper o fornecimento de matérias-primas e alimentos à Inglaterra e seus aliados.

2.5. A Entrada dos EUA e sua Proposta de Paz

Os norte-americanos mantinham-se neutros, liderados pelo presidente Wilson e, com

isso, ganhavam os mercados ingleses abandonados na América Latina.

Porém, da neutralidade passaram para a intervenção. O bloqueio britânico no mar do Norte impôs uma contra-réplica alemã com bloqueios submarinos em torno da Inglaterra.

Vários navios americanos foram afundados em fevereiro de 1917; os americanos romperam relações com a Alemanha e, concomitantemente à ruptura, a Rússia se retirava da Entente devido à revolução. Por outro lado, os banqueiros e industriais norte-americanos temiam que, se a Alemanha ganhasse a guerra, tornar-se-ia difícil receber as imensas dívidas que os países da Entente tinham para com os Estados Unidos.

Os Estados Unidos entravam agora de fato para cobrir a retirada da Rússia, mobilizando 1 200 000 homens e uma vastíssima produção industrial. Porém, Wilson procurava restabelecer a paz, propondo os "14 pontos de paz", que pregavam o retorno de Alsácia e Lorena para a França, a Independência da Bélgica, Polônia, Sérvia e Romênia, e também liberda-

de nos mares e a criação da Sociedade das Nações, que deveria ser árbitro internacional e fazer reinar a justiça.

2.6. A Saída da Rússia

Em novembro de 1917, a Rússia se retirava da guerra, totalmente batida pela sua falta de organização e de suprimentos; além do mais, apresentava um saldo negativo de, aproximadamente, três milhões de mortos, feridos e desaparecidos.

Nesse país, desenvolvia-se um processo revolucionário que inauguraria, para a história, o primeiro governo socialista. Esse governo assinaria, com o governo alemão, um acordo de paz e de retirada da Rússia da guerra, chamado Brest-Litovsky.

2.7. O Fim da Guerra

Em 1918, a Alemanha começou a sofrer várias derrotas no campo de batalha e, internamente, o país passava por levantes populares; o movimento operário se reorganizava, surgiam vários conselhos operários que governavam as cidades abandonadas pelo poder central. A Monarquia chegava ao fim, com a abdicação de Guilherme II, em novembro, após o estouro da revolução. Era o fim do Segundo Reich.

A Alemanha, derrotada em todas as frentes, pediu a paz no dia 11 de novembro.

3. Os Tratados Pós-Guerra

3.1. Tratado de Versalhes

Composto por Lloyd George, da Inglaterra, Wilson, dos EUA, e Clemenceau, da França. Firmaram-se as seguintes disposições no tratado:

- os 14 pontos – propostos por Wilson – foram esquecidos; os vencidos eram considerados culpados e deveriam:
- ALEMANHA – entregar para a França a Alsácia e Lorena; a Polônia seria restabelecida e a Alemanha deveria ceder territórios à Dinamarca;

- os alemães cederiam 60 km de suas fronteiras orientais à Polônia, o "corredor polonês", e lhe entregariam a cidade de Dantzig;
- a região mineradora de Sarre ficava sob a tutela da Liga das Nações, mas suas minas de carvão passavam para a França;
- ainda pela paz, a Alemanha seria desmilitarizada, seu exército teria no máximo 100 000 homens. O exército alemão e o Reno deveriam ser totalmente desmilitarizado;
- as colônias alemãs na África e na Ásia seriam divididas entre Inglaterra, França, Bélgica e Japão;

O tratado amputava, de maneira significativa, a Alemanha, considerada culpada pelas agressões. O resultado do Tratado feriu o sentimento alemão que se manifestaria na Segunda Guerra Mundial.

Esse tratado evidenciou os interesses que uniam os países vencedores:

- enfraquecer o capitalismo alemão;
- colocar fim à agitação que contagiou a Europa, após o final da guerra;
- criar condições para destituir o governo socialista soviético. Uma das medidas tomadas nesse sentido foi a criação do "cordão sanitário", que objetivava neutralizar geograficamente a presença soviética na Europa. O "cordão sanitário" consistia na formação de uma série de pequenos países dominados por ditaduras de extrema direita, nas fronteiras européias da União Soviética.

3.2. Fundação da Liga das Nações

Por uma proposta de Wilson, surgiu, em Versalhes (1919), a Liga das Nações. Entretanto, o congresso norte-americano não ratificou o Tratado de Versalhes e, assim, os EUA nunca chegaram a fazer parte da Liga das Nações.

Historicamente, a Liga das Nações limitou-se a resolver possíveis divergências entre os países vencedores, bem como "proteger" o mundo capitalista da influência bolchevique.

Entretanto, as tentativas de assegurar a paz internacional, tão defendida pelas nações vencedoras da guerra, apresentavam seus limites. A crise econômica e social, provocada pelas pesadas indenizações impostas aos países

vencidos, a opressão das minorias nacionais, e as rivalidades imperialistas entre os vencedores prepararam o caminho para a Segunda Guerra Mundial.



3.3. Tratados de Saint-Germain, Neully, Trianon e Sèvres

No tratado de Saint-Germain, a Áustria cedia territórios à Hungria, Tchecoslováquia, Romênia, Iugoslávia e Polônia. Ao mesmo tempo, o governo austríaco era forçado a reconhecer a independência desses novos países.

A Itália recebeu Trento, Trieste, Ístria e Fiume.

Pelo mesmo tratado, ficava proibido qualquer tipo de aliança com a Alemanha.

Por meio do Tratado de Neully, a Bulgária perdia territórios para a Romênia, Iugoslávia e Grécia.

Com o término do conflito, a Hungria passava a ser um Estado soberano, já que se desmembrara da monarquia austro-húngara.

O Tratado de Trianon reduziu o território húngaro, com a cessão da Eslováquia à Tchecoslováquia, da Transilvânia à Romênia e da Croácia-Eslavônia à Iugoslávia.

O Tratado de Sèvres fez com que a maior porção do território turco na Europa fosse cedida à Grécia.

4. Consequências da Primeira Guerra Mundial

- Progressiva degradação dos ideais liberais e democráticos, resultante das crises do período Pós-Guerra (entreguerras 1919 a 1939) e do avanço dos totalitarismos de direita e de esquerda (nazi-fascismo e ditadura soviética)

- Fortalecimento das paixões e dos sentimentos nacionalistas, gerados pelos tratados de paz (ex.: Versalhes), que levaram à manutenção do "revanchismo europeu" (especialmente por parte da Alemanha e da Itália).

- Com a desmobilização ao final do conflito, verificou-se um grande desemprego nos países europeus.

- A Primeira Guerra Mundial expôs a fragilidade europeia e o progressivo declínio dos países europeus no contexto mundial.

- O equilíbrio europeu desapareceu à medida que o resultado do conflito e as alterações político-territoriais permitiram a supremacia da França e da Grã-Bretanha, em detrimento do resto da Europa.

- Ascensão dos Estados Unidos como grande potência mundial.

Exercícios Resolvidos

01. Qual o significado do imperialismo e do nacionalismo no processo desencadeador da Primeira Guerra Mundial?

Resposta

Os interesses imperialistas e um exaltado espírito nacionalista propiciaram um clima de ten-

são constante e um acentuado militarismo que poderia levar a um confronto a qualquer momento.

02. Sobre a Primeira Guerra Mundial, responda às questões abaixo.

a) Quais foram as principais alianças?

b) Qual o pretexto que deu início ao conflito?

c) Que importância teve a entrada dos EUA na guerra?

Resposta

a) Eram dois blocos de alianças, que uniam os maiores e mais importantes países europeus da época. A Tríplice Aliança contava com a Alemanha, o Império Austro-Húngaro e a Itália; a Tríplice Entente era composta pela Inglaterra, França e Rússia.

b) Após o assassinato do herdeiro do Império Austro-Húngaro e de sua esposa por um estudante que tinha o apoio da Sérvia, a Áustria exigiu que esta impedisse quaisquer manifestações antiaustriacas, acabando por invadi-la. Esse fato detonou a aplicação da política de alianças. Assim, a Rússia saiu em defesa da Sérvia e de seus próprios interesses, declarando guerra à Áustria; a Alemanha declarou guerra à Rússia e, em seguida, a França e a Inglaterra declararam guerra à Alemanha.

c) O apoio norte-americano fortaleceu a Entente com capitais, armamentos, navios e soldados, pondo fim à guerra.

03. Sobre o final da Primeira Guerra Mundial e suas consequências, responda ao que se pede.

a) Cite os principais tratados pós-guerra.

b) O que era a Liga das Nações?

Resposta

a) Tratado de Versalhes, Tratado de Saint-Germain, Tratado de Sèvres e Lausanne.

b) A Liga das Nações era um organismo internacional – proposto nos 14 Pontos de Wilson –, cujo objetivo era a manutenção da paz mundial.



Capítulo 02. A Escalada do Totalitarismo

1. Revolução Russa (1917)

1.1. A Rússia do Século XIX

Em pleno século XIX, a Rússia ainda se encontrava na Idade Média – política, econômica e socialmente, o país era semifeudal.

Economicamente, a Rússia era essencialmente rural, predominando a grande propriedade, com uma agricultura extensiva de resultados medíocres. Quanto à indústria, ainda se encontrava em estado embrionário.

Socialmente, os aristocratas predominavam como proprietários das terras, submetendo os camponeses com impostos e corvéia. A mão-de-obra industrial era pouco numerosa, medíocre e miserável, inexistindo praticamente a burguesia.

Politicamente, toda a autoridade concentrava-se nas mãos dos czares, que impunham um regime de opressão em todos os sentidos.

A Rússia territorialmente compreendia um vasto Império, com 67 milhões de habitantes, unidos pela língua eslava e pela religião ortodoxa. Entretanto, tal união não se verificava na Polônia, Lituânia e Bessarábia, chamadas províncias exteriores, que conservavam suas línguas e suas religiões, perante a submissão russa ou sob a russificação.

Após a morte de Nicolau I, ascende Alexandre II (1855/81), que introduziu reformas como:

- abolição da servidão, livrando os mujiques dos endividamentos, dando direitos de justiça;
- reformulação da justiça, inspirando-se nos tribunais ocidentais; ainda reformou o exército, construiu estradas de ferro, criou numerosas manufaturas que, por sua vez, geraram uma massa incalculável de míseros proletários.

Enfim, procurou liberalizar o regime.

O retorno à política de repressão foi determinado pela revolta liberal polonesa de 1863, que foi violentamente reprimida. Essa repressão refletiu-se no interior, principalmente contra os judeus e contra aqueles que resistiam à russificação na Ásia Central e no Cáucaso. Essa razão czarista fez com que elementos liberais revolucionários perpetrassem um atentado frustrado à vida do czar.

À medida que Alexandre II se tornava mais absolutista, mais a oposição se multiplicava.

Dessa forma, surgiu um grupo político clandestino, chamado de **Narodniki** ou **Narodnaia Volia** (Liberdade do Povo), que defendia a revolução dos camponeses russos por meio do terrorismo. Em 1881, num atentado, esse grupo assassinou o czar Alexandre II.

Na oposição a esse governo estava o **Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR)**, de orientação marxista, dirigido por um dissidente dos Narodnikis, George Plekanov.

O crescimento desse partido se realizava, mesmo vivendo na clandestinidade e com vários membros perseguidos pela polícia, com a participação de intelectuais como Vladimir Ilitch Ulianóv (Lenin) e da pequena, mas atuante, classe operária russa.

No interior do Partido existia um debate, a respeito da implantação do socialismo, proporcionado por estas duas teses:

- a implantação do socialismo passaria por uma lenta evolução natural;
- ou o socialismo seria alcançado por uma insurreição revolucionária do proletariado.

Essa segunda tese, apresentada por Lenin, conquistou a maioria do Partido, tornando-se vitoriosa. Desse modo, o grupo liderado por Lenin passou a ser chamado de bolchevique (a maioria), e outro grupo, liderado por Martov Dan e Tsereteli, de menchevique.

Após a queda da tentativa liberal sob Alexandre II, uma repressão violenta se abateu na Rússia.

Alexandre III (1881/94) de início reprimiu o terrorismo e censurou os jornais, as bibliotecas e as Universidades.

Contra os judeus sua opressão foi mais radical (oposição à russificação). Os judeus eram vítimas de medidas vexatórias e discrimináveis, principalmente nas Universidades, e tornaram-se inimigos violentos do regime, desempenhando um papel importante no movimento revolucionário.

Da mesma forma, contra os lituanos e sobretudo contra os poloneses católicos, que eram nacionalistas, impôs a língua russa e a religião ortodoxa, utilizando-se de métodos brutais (deportação de crianças).

Paralelamente, a expansão russa se fazia no Cáucaso, no Turquestão e na Manchúria (1845).

Enquanto isso, o êxodo rural se sentia nas indústrias, conseqüência da abolição da servidão. Os capitais estrangeiros, principalmente franceses, buscavam a Rússia, no fim do século XIX (a fim de compensar com a mão-de-obra barata e anular qualquer crescimento alemão). As siderúrgicas surgiram junto às indústrias têxteis e também se explorava petróleo, razão pela qual, junto a esses pólos, foram construídas estradas de ferro como a *Transcaspiana* – 1888 – e a *Transiberiana*.

Em conseqüência desse avanço industrial, aumentava o proletariado, miseravelmente maltratado, e apareciam os *kulaks*, camponeses ricos com o comércio de cereais.

Essas transformações, no entanto, minavam as estruturas tradicionais, isso porque persistia uma enorme população de mujiques; predominava ainda a grande pro-

priedade, manuseada pelos *kulaks*, em detrimento de camponeses, que sofriam uma carga de violentos impostos; e, nas cidades, os operários, miseráveis e famintos, eram maltratados pela cólera em 1892, e outras epidemias. Tudo isso minou as estruturas tradicionais.

1.2. Antecedentes e Fatores da Revolução

O clima revolucionário intensifica-se, a partir de 1901, com as greves suscitadas pelos bolcheviques e pelo terrorismo dos Narodnikis.

A derrota contra o Japão, em 1905, resultado imprevisível de uma "pequena guerra vitoriosa", abalava o prestígio do regime com a reação da oposição.

Em 1905, explodiu violenta manifestação em San Petersburgo, que foi massacrada: foi o "Domingo Vermelho". Em conseqüência disso, os moderados e os revolucionários se uniram. Ondas de atentados se seguiram, culminando com o motim do encouraçado Potemkim, em julho de 1905. Greves gerais foram organizadas pelos soviets (trabalhadores), em outubro de 1905.

O regime foi obrigado a conceder o manifesto de 30 de outubro. Firmou liberdades e uma Assembléia Legislativa (Duma), eleita por sufrágio restrito.

Embora o regime fosse moderado, Nicolau II, percebendo que os conflitos cessavam, iniciou a reconquista, dissolvendo as Dumas Liberais e favorecendo as Dumas Senhoriais, buscando sustentáculo para o regime. A queda do regime iniciou-se com a dissolução de uma Duma de Esquerda, em 1912, que conseqüentemente determinou a reaparição de ondas revolucionárias com greves encorajadas por Lenin.

Em 1914, o regime desacreditado foi profundamente abalado pela agitação revolucionária e só seria destruído com uma nova crise, a Guerra de 1914.

Nessa guerra, a Rússia lutava ao lado da França e da Inglaterra.



Entretanto, suas derrotas sucessivas nas Batalhas Tannenberg e Kouno, em 1916, diante da Alemanha, desencadearam o processo revolucionário. As perdas de imensos territórios e a morte da metade dos efetivos militares formaram o quadro que se estava apresentando na Rússia.

Internamente, a guerra proporcionara crises na alimentação (queda da produção e aumento dos preços), nos transportes e na indústria (paralisações).

Os efeitos da guerra determinavam greves operárias e minavam o regime, dando condições às massas de uma ação revolucionária. Em Petrogrado, nas primeiras semanas de 1917, as greves eclodiram diante das condições calamitosas.

Ao czar Nicolau II, senhor de toda a Rússia, não restava outra alternativa senão a abdicação. No final de fevereiro de 1917, a Monarquia terminava.

1.3. As Etapas e o Processo da Revolução

Em fevereiro de 1917, a situação da Rússia era insustentável: derrotas na guerra (I Guerra Mundial), motins militares contra os oficiais em comando, deserções, greves nas indústrias, falta de alimentos e combustíveis nos principais centros urbanos, queda da produção, baixos salários, incapacidade do governo e a crescente miséria e fome da população criaram uma conjuntura propícia e irreversível para a eclosão do **movimento revolucionário**.

Esse quadro conduziu à primeira etapa do movimento, conhecida como a "Revolução de Fevereiro", em que a marca maior foi a ação das massas populares por meio de greves nas principais cidades (Petrogrado) e a adesão das forças encarregadas da repressão. Ao final de fevereiro, o governo já havia perdido o controle da situação.

Entre os meses de fevereiro e outubro de 1917, o país estava, na prática, dividido por dois poderes. Por um lado, a burguesia liberal, buscando garantir seus interesses e participa-

ção no processo revolucionário, organizou um "Governo Provisório", formado por representantes da Duma. Por outro lado, as massas proletárias estruturaram-se em soviets. O mesmo ocorreu com os soldados, e, no interior do país, os camponeses também estabeleceram sua mobilização. Enquanto no Governo Provisório, prevalecia o partido Kadete, a influência nos soviets era dos socialistas revolucionários (mencheviques e bolcheviques).

Durante o Governo Provisório, foram tomadas algumas medidas de caráter liberal e reformista, de acordo com os princípios do Partido Constitucional Democrata ou Kadete:

- Proclamação das liberdades civis.
- Anistia aos presos políticos e permissão para o retorno dos exilados.
- Planos para a eleição de uma Assembléia Constituinte, que, contudo, foram constantemente adiados.
- A manutenção da Rússia no conflito mundial.

Nesse mesmo contexto, com a queda do regime czarista, observou-se o retorno do exílio de Lenin e de vários líderes bolcheviques, que se opunham ao caráter moderado e reformista do "Governo Provisório".

O Partido Bolchevique foi reorganizado e Lenin publicou as "Teses de Abril", que, em linhas gerais, reivindicavam todo o poder para os soviets. Propunham, ainda, o controle operário nas fábricas, a imediata distribuição das terras da aristocracia e da Igreja Ortodoxa aos trabalhadores rurais e o estabelecimento de um governo liderado pelo proletariado.

A partir da segunda metade do ano de 1917, frente ao desgaste progressivo do Governo Provisório, gerado pelas derrotas no conflito mundial, a crise econômica crescente e a inércia do Reformismo, os bolcheviques organizaram a derrubada do Governo Provisório, que tinha no general Kerensky seu principal líder.

No mês de setembro, Trotsky, importante teórico e líder bolchevique, foi eleito presidente do soviets de Petrogrado. Nessa mesma época, formou-se a "Guarda Vermelha",

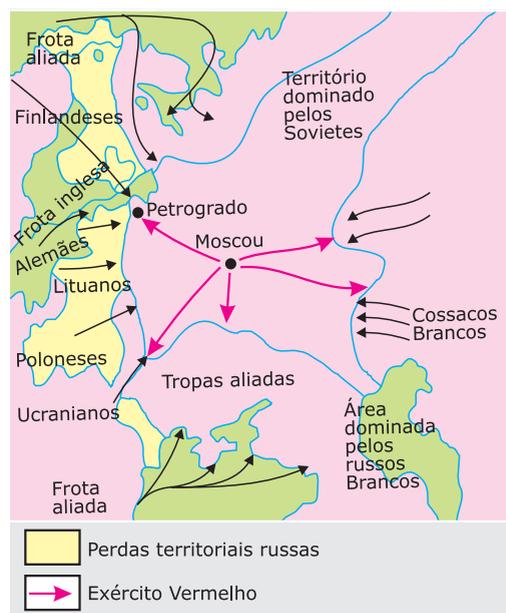
braço armado do Partido Bolchevique e importante instrumento na tomada do poder. Se a "Revolução de Fevereiro" foi marcada pela eclosão espontânea do processo revolucionário diante da crise, a etapa conhecida como "Revolução de Outubro" resultou da organização e da cuidadosa preparação dos bolcheviques. Entre 24 e 25 de outubro de 1917, os bolcheviques tomaram o poder e elegeram para presidente do "Conselho dos Comissários do Povo" seu líder maior: Lenin.

O novo governo dominado pelos bolcheviques e baseado nos soviets adotou de imediato uma série de medidas socializantes:

- controle das fábricas pelo proletariado.
- expropriação das terras da Igreja, da realeza (czar) e da aristocracia e sua distribuição aos trabalhadores rurais através de "Comitês Agrários".
- proposta de paz imediata e saída da Rússia da I Guerra Mundial (Tratado Brest-Litovsky).
- organização do Exército Vermelho, dirigido por Trotsky.
- decreto de autodeterminação das nacionalidades até então submetidas à Rússia.

Seguiu-se uma guerra civil entre o Exército Branco e o Exército Vermelho, na qual os primeiros representavam os interesses das classes expropriadas pela Revolução Socialista de Outubro (burguesia e aristocracia). O exército Branco foi comandado por antigos oficiais czaristas e contaram com grande apoio das potências capitalistas que viam na Revolução Bolchevique um perigoso exemplo.

O exército Vermelho, sob o comando de Trotsky, conseguiu garantir o Estado socialista, e, em 1921, consolidou a vitória bolchevique. A partir desse momento, as potências capitalistas adotaram, em relação à URSS (1922), uma política de isolamento, marcada pela criação de um "Cordão Sanitário" anti-revolucionário e anti-socialista.



Com a morte de Lenin (1924), houve uma disputa interna pelo poder no nascente Estado socialista. De um lado, Trotsky, favorável à internacionalização da Revolução Proletária, adepto da tese do "Comunismo Internacional"; e, de outro, Stalin, comissário para as nacionalidades, favorável ao comunismo num só país. Com maior apoio do partido a suas teses, Stalin saiu vitorioso, dando início a um período marcado pelo personalismo e autoritarismo, conhecido como "Era Stalinista" (1927/1953). Como exemplo do perfil ditatorial de Stalin, podemos citar a perseguição a Trotsky e seus partidários, expulsos da URSS em 1927.

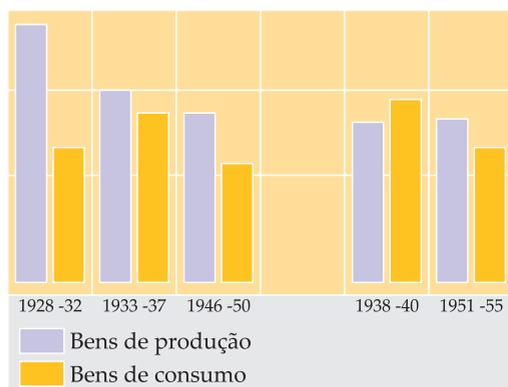
Do ponto de vista da implantação dos princípios de socialização da economia na Rússia Soviética, podemos destacar três etapas:

1) Comunismo de Guerra (1918/21) – Em que se implantou uma economia totalmente centralizada e planificada pelo Estado. Nessa etapa podemos observar a equiparação salarial, o confisco da produção agrícola e o intervencionismo estatal em todos os setores da economia.



2) A **NEP** (1921/27) – Etapa em que foi mantida a economia dirigida e planejada pelo Estado, contudo, permitiu-se a existência de uma economia de mercado e a livre iniciativa em alguns setores.

3) Os Planos Quinquenais e a Coletivização dos Campos (1928) – Essa etapa foi marcada pelo confisco dos Kulaks (médias propriedades) e a formação dos Kolkhozes (fazendas coletivas) e dos Sovkhozes (fazendas estatais). Concomitantemente, o Estado promoveu um grande incentivo à indústria de base, em prejuízo da indústria de bens de consumo. Toda a economia foi dirigida e planejada pelo Estado stalinista.



Exercícios Resolvidos

01. Descreva, sinteticamente, a situação econômica, social e política da Rússia pré-revolucionária.

Resposta

Economia: agrária e semifeudal, industrialização tardia e dependente do capital externo.

Sociedade: predominantemente rural–campeinato representava 80% da população do país. Proletariado reduzido, aristocracia e burguesia constituindo menos de 10% da população.

Política: autocracia czarista da dinastia Romanov (Czar Nicolau II).

02. Sobre a Rússia e o processo revolucionário de 1917, responda:

a) Relacione as diferenças entre a revolução de fevereiro e a de outubro de 1917.

b) O que foi a guerra civil (1918 – 1921)?

Resposta

a) A revolução de fevereiro teve caráter liberal-burguês e provocou a queda do czar, enquanto a de outubro teve caráter operário-socialista e provocou a queda do Governo Provisório, estabelecendo o governo Bolchevique.

b) Consistiu no confronto entre as forças da revolução (exército Vermelho) e da contra-revolução (exército Branco) auxiliada por forças internacionais.

03. Quais as características da política econômica denominada “Comunismo de guerra”?

Resposta

Esta política consistiu na estatização dos bancos, do comércio exterior e da indústria têxtil, na requisição compulsória da produção agrícola, na igualdade de salários e no trabalho obrigatório para o Estado.

04. Sobre Stalin e sua política, responda às questões abaixo.

a) Que concepções revolucionárias defendiam Trotsky e Stalin em sua disputa pelo poder pós-Lenin?

b) Quais foram os principais objetivos dos planos quinquenais?

Resposta

a) Trotsky defendia a teoria de revolução permanente (expansão) e Stalin, a teoria do socialismo num único país (consolidação).

b) Os principais objetivos dos planos quinquenais foram:

I – criação da indústria pesada (1º plano)

II – coletivização da agricultura (2º plano)

2. O Avanço Nazi-fascista

A Primeira Guerra Mundial (1914/18) não conseguiu resolver as contradições e os problemas econômicos e políticos que a geraram. Ao contrário, a paz determinada pelo Tratado de Versalhes veio apenas acentuar os conflitos já existentes, uma vez que acentuou o revanchismo europeu (Alemanha) e gerou um desequilíbrio econômico com suas retaliações, que proporcionaram os agentes desencadeadores das crises do entreguerras: a recessão, o desemprego e a inflação.

Nessa conjuntura pós-guerra, o surgimento de governos totalitários de direita (nazi-fascistas) ou de esquerda (socialistas) tornou-se expressivo, com a falência das "Democracias Liberais" nos países mais atingidos pelos reflexos da Primeira Guerra.

Marcados pelo autoritarismo, nacionalismo expansionista e militarista, corporativismo e valorização do sentimento em detrimento da razão, ergueram-se Estados ditatoriais na Europa e no mundo entreguerras.

De 1919 a 1922, a Itália atravessou uma tríplice crise de extrema violência:

Crise moral

Apesar de estar no bloco vencedor, não teve reparações financeiras e retirou-se humilhada da Conferência de Paris.

Crise econômica

Inflação, alta nos preços (a lira é desvalorizada em 75%), pobreza; o país possuía poucas indústrias e a que maior força tinha, a Fiat, oprimia os operários; os pequenos proprietários rurais eram explorados pelos grandes latifundiários.

Crise política

A Confederação Geral do Trabalho lançava apelos de greve e desocupação das fábricas.

Os governos liberais eram apoiados por uma coligação de liberais e populares, mas as dissensões proibiam todas as iniciativas governamentais.

Benito Mussolini, jornalista, abandonava o jornal socialista (*Avanti*) em 1914, para sustentar a tese da guerra contra a Áustria (para os fascistas a guerra passa a ser um símbolo de glória). Os fascistas queriam restaurar a grandeza do passado italiano e acabar com a anarquia. Assim, surgiu o Partido Nacional Fascista.

Financiados pelos grandes proprietários capitalistas, armados pelos militares organizados em brigadas (**Squadri**), os camisas-negras rompiam as greves e puniam os chefes sindicalistas e socialistas.

Em agosto de 1922, os fascistas substituíram a força pública e obrigaram a CGLI a suspender uma ordem de greve geral; a prévia foi feita nesse momento, sem nenhum obstáculo; o caminho ao poder estava livre.

Em outubro, Mussolini, o Duce, reuniu suas tropas em Perouse e Nápoles. Os 27 presidentes do Conselho de Facta, demissionários, são ameaçados pela marcha dos fascistas, em Roma.

Vitor Emanuel III abandona o Conselho de Facta e convida Mussolini para formar um ministério.

Habilmente, Mussolini se introduz nos gabinetes liberais e populares, obtendo plenos poderes da Câmara e deixando intatas as liberdades públicas.

Em 1924, os fascistas só conseguiram 60% das cadeiras. Matteotti, um socialista, denunciou na tribuna os crimes do fascismo e foi assassinado.



"Se o fascismo é uma associação de criminosos, eu me responsabilizo". Mussolini excluiu os deputados da oposição, suprimiu os partidos políticos, menos o Fascista, dissolveu os sindicatos, fechou os jornais hostis, exilou seus adversários etc. Tais medidas ficaram conhecidas como Leis Fascistíssimas.

Mussolini impôs à Itália a ditadura do fascismo de 1925 a 1943. O fascismo possuía uma nova concepção (ou talvez fosse uma síntese de concepções antigas); criou um sistema político original, transformou a economia italiana numa economia poderosa e procurou levar a Itália a partilhar do mundo colonial, enfim, a constituir-se num Império Colonial.

O fascismo poderia ser uma projeção violenta sobre o mundo exterior da personalidade de Mussolini. Entretanto, a ação do

Duce é a síntese de **Nietzche, George Sorel Maurras e até mesmo da encíclica *Rerum Novarum*** de Leão XIII, de 1891.

De acordo com os princípios do pensamento fascista:

- O indivíduo nada mais é do que uma fração do Estado. O indivíduo deve estar a serviço do Estado e deve procurar exaltar a grandeza da pátria.
- A vida é um combate perpétuo contra as forças destruidoras do Estado, a guerra exalta e enobrece o homem, regenera os povos ociosos e decadentes, reafirma a virilidade que a paz destrói.
- As lutas de classe, que enfraquecem o Estado, cessarão, os trabalhadores e patrões solidários unir-se-ão em corporações para uma melhor produção, sob o comando do Estado, ao jugo do interesse nacional.

O Duce se tornou presidente do Conselho, responsável somente diante do rei, governava por decretos, nomeava ministros e era assistido por um grande conselho fascista. Os trabalhadores foram reunidos em sindicatos fascistas, e os patrões, nas federações industriais, formando corporações presididas por delegados do Duce que regulamentavam o trabalho e os preços.

Em 11 de fevereiro de 1929, era assinado o Acordo de Latrão, que estabelecia o reconhecimento da soberania do Estado do Vaticano e proclamava o catolicismo como religião do Estado. Mussolini reestabeleceu as relações com o Vaticano, rompidas em 1870.

A imigração passa a ser proibida, com o programa fascista de colonização da Tripolitânia. A agricultura e a indústria se desenvolviam, sanando o desemprego e a falência de bancos e indústrias, comuns depois de 1929.

Fruto dessa situação, surge a Guerra da Etiópia. Em 1935, o general Badoglio toma Addis-Abeba. Ainda foi criado o Instituto de Reconstrução Industrial, um organismo financeiro que impulsionava a indústria.

As relações ítalo-alemãs resultavam da oposição franco-inglesa à Itália.

Em 1936, Mussolini proclamou o eixo Roma-Berlim. Mas a Itália se aproximava da Alemanha com a Guerra Civil Espanhola, em que alemães e italianos entram em favor de Franco.

Os italianos ocupavam a Albânia, enquanto os alemães ocupavam a Boêmia e a Morávia, em 1939.

Exercícios Resolvidos

01. Cite as principais características do fascismo.

Resposta

O fascismo caracteriza-se pelo autoritarismo e o totalitarismo centralizado numa só pessoa. O Estado fascista controla todos os meios de comunicação, promove grandes manifestações populares, cria

símbolos e lemas que unificam as massas, prega idéias nacionalistas, racistas, xenófobas, anticomunistas e estimula o militarismo com o objetivo de fortalecer o Estado e conquistar colônias.

02. Quais as principais medidas políticas (interna e externa) que marcaram o governo de B. Mussolini?

Resposta

Politicamente, fechou todos os partidos, exceto o fascista, e perseguiu socialistas e comunistas; economicamente, o Estado passou a intervir na economia, estabelecendo rígido controle sobre o movimento operário e promovendo obras públicas, com o fim de diminuir o desemprego. Externamente, adotou uma política expansionista, conquistando a Abissínia e participando da Segunda Guerra Mundial.

3. A Crise de 1929 e o New Deal

O mundo do século XX assistia, de um lado, à inauguração do socialismo na jovem União Soviética e, de outro, à maior crise que o mundo capitalista havia sofrido.

Os Estados Unidos viveram, após a Primeira Grande Guerra, um momento aparente de riqueza generalizada.

Entretanto, nos últimos anos da década de 20, uma profunda crise provocaria falência e desemprego em índices jamais vistos. Os norte-americanos só se recuperariam efetivamente da crise ao fim da Segunda Grande Guerra.

3.1. Os Estados Unidos Antes da Crise

Na década de 20, os EUA viveram um momento de grande prosperidade econômica. O *american way of life*, produto dessa prosperidade, transformou-se em modelo a ser seguido por países contrários ao socialismo.

Os EUA ganharam muito dinheiro durante a Primeira Grande Guerra e depois dela, e suas perdas humanas e materiais foram insignificantes. Tal fato refletiu-se num grande crescimento industrial e agrícola.



Em poucos anos da década de 20, no país já havia um automóvel para cada cinco pessoas e foram vendidos 60 milhões de aparelhos eletrodomésticos (principalmente o rádio). Na cultura, a produção musical se baseou no jazz; a arquitetura ganhou outro estilo, o “arranha-céu”. Toda essa riqueza aparente era resultado do rigoroso trabalho dos operários americanos, que por várias vezes entravam em greve.

Este período também se caracterizou por ser uma época de violência e conservadorismo político e moral. A implantação da “lei seca” possibilitou o surgimento de uma vasta rede de comércio clandestino de bebidas (praticado por *gangsters*) e de corrupção envolvendo até senadores. A aparente democracia norte-americana considerava o Partido Comunista ilegal, enquanto a *Ku Klux Klan* incentivava o racismo contra os negros.

Os EUA, nessa década, sustentaram uma presença apenas econômica na Europa, enquanto na América Latina chegaram a efetuar, reiteradas vezes, invasões militares.

Mas toda essa prosperidade tinha suas contradições: por exemplo, no final da década de 20, houve uma queda sensível no consumo de produtos agrícolas.

Em pleno auge do *american way of life* havia 4 milhões de desempregados. Isso prova que o crescimento econômico era desigual, ou seja, a riqueza não atingiria toda a população nem todos os EUA.

Além de existirem desempregados, os salários reais não acompanhavam os preços dos produtos manufaturados. Aqui está presente a contradição principal da crise: taxa de lucros inversamente proporcional à taxa de salários.

Na economia capitalista há uma tendência de o capitalismo investir mais na aquisição de máquinas e de matérias-primas (capital constante) em detrimento da aquisição da força de trabalho e dos salários (capital variável). Conseqüentemente, se isso for levado ao extremo, teremos uma retração no consumo, que implicará redução da taxa de lucro.

3.2. Os Estados Unidos na Crise

A produção crescia rapidamente e o consumo não acompanhava o mesmo ritmo, o que levou a um crescente desemprego na indústria. O comércio exterior entrava em crise, pois os países europeus respondiam com a mesma moeda à ação norte-americana de impor altas taxas alfandegárias.

Apesar desse quadro, a especulação na Bolsa de Valores de Nova Iorque continuava. Os grandes bancos e as grandes empresas emitiam, cada vez mais, ações meramente especulativas, sem valor real.

No dia 24 de outubro de 1929, na “Quinta-Feira Negra”, quando se acentuou, de forma brutal, a tendência à baixa no preço das ações, toda essa especulação encontrou um fim. Era o *crack* da Bolsa de Valores de Nova Iorque.

Mais de cinco bancos faliram, carregando, na sua queda, numerosas empresas e aumentando o desemprego, que chegou, em 1933, à soma de 15 milhões. Na agricultura, não havia quem consumisse os estoques de cereais porque não se tinha dinheiro. O resultado era drástico: consumidores passavam fome, enquanto os bancos tomavam as propriedades dos pequenos agricultores.

Nas grandes empresas, a realidade era um pouco diferente. Com salários cortados pela metade, operários despedidos e jornada de trabalho reduzida, as grandes empresas conseguiram sobreviver.

3.3. Os Estados Unidos Saem da Crise

No final do governo Hoover, a situação ficou pior. Os operários se organizavam e o governo os reprimia.

Mesmo diante dessa situação, duramente o Partido Republicano (do governo Hoover) insistia em manter a política liberal de não-intervenção na economia.

De outro lado, os democratas, liderados por Franklin Delano Roosevelt, defendiam o intervencionismo como forma de resolver a crise.

Em 1933, após ganhar as eleições, Roosevelt contou com o auxílio de um grupo de tecnocratas (chamado *brain trust* – os “ca-beças pensantes” – inspirado no economista inglês John Maynard Keynes) para elaborar seu programa econômico-social conhecido por *New Deal* (“novo tratamento”).

Esse programa defendia:

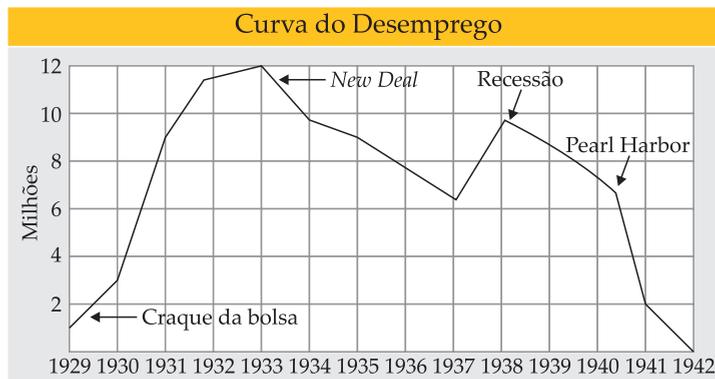
- a diminuição da produção agrícola e o pagamento aos pequenos agricultores para que não plantassem mais, forçando assim a subida dos preços;
- a reconstrução da indústria, com limitação da produção, acordos sobre preços e estabelecimento de salários mínimos para os trabalhadores, incentivando o consumo;

- a resolução do desemprego, com realização de obras públicas (estradas, hidrelétricas, barragens) para absorver a mão-de-obra ociosa;
- a criação do seguro aos desempregados e a assistência aos inválidos;
- o fortalecimento dos sindicatos e o direito de greve;
- o limite de crédito aos bancos e empresas, para evitar novas falências, com a “inflação legalizada”.

No entanto, a completa recuperação econômica dos EUA só ocorreria com a Segunda Guerra Mundial, que cobrou do país uma política de rearmamento.

Exercícios Resolvidos

01. (UFMG) Observe o gráfico.



- Indique a que país o gráfico se refere.
- Escolha dois dos itens indicados no gráfico e identifique-os.
- Interprete o gráfico.

Resposta

a) EUA

b) Craque da bolsa: quebra da Bolsa de Nova Iorque e, conseqüentemente, crise mundial (1929). Pearl Harbor: ataque japonês à base americana, que determinou a entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial.

c) O gráfico nos apresenta os principais fatos que marcaram a história dos EUA ao longo do período conhecido como Entreguerras (1919-39).



02. O que foi o “Craque da Bolsa” de 1929?

Resposta

Foi o episódio ocorrido no dia 24 de agosto de 1929, em que houve uma drástica desvalorização das ações das empresas norte-americanas, negociadas na Bolsa de Valores de Nova Iorque.

03. Em que medidas se baseava o *New Deal*?

Resposta

Com o amplo controle do Estado sobre todas as atividades econômicas, o plano consistia em emissão de dinheiro e empréstimos aos setores da economia em dificuldades, no desestímulo à produção agrícola, no apoio às reivindicações salariais dos trabalhadores, no pagamento do salário-desemprego e na construção de obras públicas, visando a aumentar as oportunidades de emprego.

04. Sobre o período conhecido como Entreguerras (1919-1939...), responda: a recuperação capitalista, após a “Crise de 1929”, deu-se por meio do *New Deal*. (F. D. Roosevelt). Qual a característica essencial desse plano norte-americano?

Resposta

Uma decidida intervenção do Estado, para regular e reorganizar a economia norte-americana. O combate ao desemprego, o protecionismo e restauração do mercado financeiro foram seus princípios básicos.

4. Nazismo

4.1. A Alemanha no Pós-Guerra

Com o final da Primeira Guerra Mundial (1914-18), foi proclamada a República de Weimar, dominada pelos setores moderados; a crise social radicalizou as posições políticas, dificultando sua sobrevivência na Alemanha do entreguerras.

A crise econômica de 1929 abateu-se sobre o mundo, atingindo a Europa e, em especial, a Alemanha. Essa crise paralisou a indústria e deixou um grande número de desempregados.

O nacional-socialismo, liderado por Adolf Hitler, germinou em meio à crise, definindo-se pelo seu caráter racista (anti-

semitismo) e pela defesa de um Estado totalitário sob a autoridade de um único chefe e partido.

4.2. A República de Weimar (1919-1933)

A composição de forças sociais e políticas do início da República de Weimar era a seguinte:

1. A antiga aristocracia rural e os grandes industriais eram os maiores beneficiários do regime.
2. O proletariado e o campesinato, que representavam a maior parte da população, estavam abertos às pregações socialistas.

Nesse cenário político, em 1918, um grupo de socialistas radicais, liderado por Karl Liebknecht e Rosa de Luxemburgo, tomou o poder em Berlim, porém por pouco tempo, sendo esmagado pelos exércitos enviados pelo marechal Hindenburg da frente de batalha.

Em 1919, a Constituição da República de Weimar criava um Estado federalista, democrático, liberal e parlamentarista, composto por duas câmaras, o Reichstag e o Reichsrat. O poder executivo cabia ao presidente, eleito para um mandato de sete anos, e o governo seria exercido por um chanceler.

A constituição permitiu o surgimento de vários partidos, que se digladiavam na arena política: nacional, democrata, populista, católico, social-democrata...

No plano econômico, o pagamento das reparações de guerra levaria à inflação, agravada pela ocupação do vale do Ruhr pelos franceses em 1923. Foi criada uma nova moeda, o Renten-mark, garantido por empréstimos externos.

A indústria recuperou-se, desenvolvendo-se um processo de concentração e relativa estabilidade.

O impacto da crise de 1929 acabou com a estabilidade atingida pela república de Weimar. As grandes corporações continuavam firmes na sua posição, mas a situação das

camadas intermediárias era difícil e o desemprego cresceu de 1 milhão (1929) para 6,5 milhões (1931).

4.3. O Avanço Nazi

A crise de 1929 e seus efeitos criaram as condições necessárias para o avanço do partido nacional-socialista (nazi), que, reorganizado por Adolf Hitler, no final dos anos 20, contribuiu sobremaneira para sua ascensão ao poder no início dos anos 30.

Adolf Hitler nasceu na Áustria. Era autodidata e tentou a carreira artística em Viena, sem muito sucesso. Alistou-se, então, no exército alemão, participando da Primeira Guerra Mundial, quando foi ferido e condecorado com a “Cruz de Ferro”.

Em 1919, ingressou no partido trabalhista alemão, fundado por Anton Drexler. Em 1920, ajudou a transformá-lo no Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, tornando-se seu líder devido à sua extraordinária capacidade de oratória.

Em 1923, aproveitando-se da conjuntura da crise socioeconômica, tentou um golpe na Baviera com o apoio de Ludendorff. (*Putsch de Munique*). O golpe falhou, Hitler acabou preso, e na prisão escreveu a obra-base da ideologia nazi, *Mein Kampf*.

Após 8 meses detido, saiu da prisão graças a uma anistia dada pelo governo e reorganizou o partido, dando-lhe eficiência, racionalidade e hierarquização. Possuía um jornal e importantes agrupamentos paramilitares, como:

- 1) SA (tropas de assalto)
- 2) SS (tropas de segurança)

Hitler buscou em diversas fontes a ideologia do nacional-socialismo:

- 1) o anti-semitismo em Gobineau, Chamberlain e Wagner;
- 2) o pangermanismo em Wagner;
- 3) o neopaganismo em Rosenberg;
- 4) o Estado forte em Spengler;
- 5) o III Reich em Van der Buck.

O elemento essencial da doutrina nazi é o racismo. A idéia de superioridade da raçaariana opunha-se à ideologia liberal, ao marxismo, à Igreja Católica e, fundamentalmente, aos judeus (semitas).

O totalitarismo era uma decorrência natural dessa proposta, pois somente um estado totalitário seria capaz de resgatar o interesse nacional, e, para tanto, deveria haver um chefe absoluto, o *Führer*.

Também estavam evidentes na ideologia o antimarxismo, que identificava o marxismo ao judaísmo, e o anticapitalismo, que associava o capital internacional aos judeus.

As principais metas do nazismo deveriam ser alcançadas pela ação do partido nazista.

O partido seria dotado de forças paramilitares especiais, principalmente as “SS”, e a temida polícia política, a “Gestapo”. Essa vanguarda deveria incumbir-se da propaganda junto à população, com destaque para o recrutamento e formação da juventude por intermédio de programas especiais.

4.4. A Escalada Nazi Rumo ao Poder

A grave crise econômica e social resultante da crise mundial de 1929 criou as condições ideais para o avanço do nacional-socialismo, o qual apresentava um programa contraditório, heterogêneo e oportunista.

Adolf Hitler surgia como o grande defensor da Alemanha contra o comunismo, atraindo o apoio de grandes capitalistas alemães. A combinação desses fatores levaram a um avanço político nazi nas eleições de 1930 e 1932.

No ano de 1933, com um total de quase 38% dos votos, o partido nacional-socialista, com o apoio dos conservadores, levou Hitler ao cargo de chanceler do governo do então presidente Hindenburg.

Tendo nas mãos o aparelho do poder, Hitler e seus partidários ampliaram sua atuação e domínio sobre o Estado.

Novas eleições foram convocadas, mas conduzidas pelo nazista Goering, que, apoiado nas “SA” e “SS”, por meio do terror, conseguiu a maioria para os nazi (44% dos votos).



O Reichstag (parlamento alemão) foi incendiado e a culpa atribuída aos comunistas. Com esse pretexto, 81 parlamentares eleitos pelo partido comunista foram sumariamente cassados, como também socialistas e opositores ao partido nacional-social.

O programa nazista foi colocado em prática através de medidas ditatoriais, tais como: partidos proibidos, sindicatos suspensos, concentração de poder e medidas anti-semitas.

Hitler realizou um grande expurgo purificador dentro do próprio partido, eliminando o comandante das "SA" e vários de seus subordinados mais próximos. Tal fato ficou conhecido como "A noite dos longos punhais". Começaram, então, a funcionar na Alemanha os "campos de concentração".

4.5. O Terceiro Reich

A partir da morte do presidente Hindenburg, Hitler acumulou o cargo de presidente e chanceler, iniciando sua trajetória rumo à formação do Terceiro Reich.

O poder foi centralizado na figura de Hitler ("Führer"), os membros do partido nazista ocuparam todos os postos na administração pública e grandes manifestações nazi passaram a acontecer nas grandes cidades alemãs.

A perseguição às minorias, em especial aos judeus, passou a ser sistemática. Sofrendo todo tipo de restrição à liberdade, foram sendo confinados em verdadeiros "guetos".

O intervencionismo estatal na economia foi na organização da produção, regulamentação do trabalho, proibição de greves e organização de corporações para trabalhadores e patrões.

No campo, criou-se o *Erbhof*, unidade produtiva hereditária, que fixava obrigatoriamente o campesinato à terra.

O processo de concentração econômica através da formação de grandes corporações e cartéis foi estimulado pelo governo nazi.

Através de planos quadrienais, o Estado nazista buscou atingir importantes metas econômicas:

- I. estimulou as obras públicas e combateu o desemprego (1933-36);
- II. dirigido por Goering, passou a dar autonomia à Alemanha, livrando-a da dependência de matérias-primas estratégicas, por exemplo, o petróleo.

Ao instalar o Terceiro Reich, Hitler e o partido nazista eliminaram seus opositores, iniciando a conquista militar do "espaço vital", responsável direto pela eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-45).

Exercícios Resolvidos

01. Cite os fatores conjunturais e estruturais que contribuíram para o surgimento de regimes totalitários em vários pontos do mundo nos anos 20/30.

Resposta

Após a Primeira Guerra e a Depressão de 1929, as idéias socialistas tomaram grande impulso, fato que atemorizou os governos estabelecidos. Além disso, a forte presença do Estado nos planos de recuperação econômica pós-crise de 1929 também foi fundamental para a ascensão de regimes autoritários, como o nazismo e o fascismo.

02. Qual a situação da Alemanha no Pós-Primeira Guerra (1919-39)?

Resposta

A Alemanha entrou numa grave e generalizada crise, em consequência da guerra e do humilhante Tratado de Versalhes. A economia estava arrasada, havia um enorme contingente de desempregados, situação que a República de Weimar não conseguia resolver; ao mesmo tempo, os partidos socialistas se fortaleciam na Alemanha.

03. Quais parcelas da população alemã apoiaram o partido nazista?

Resposta

A burguesia e as pessoas assustadas com a crise do país, como os agricultores, estudantes universitários, os milhões de desempregados, ex-trabalhadores não especializados e ex-funcionários de escritórios, apoiavam o Partido Nazista em busca de esperanças.

Capítulo 03. A Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

1. Fatores e Antecedentes

A terceira década do século XX foi marcada pela instabilidade das relações internacionais, pela crise econômica e pelo crescimento dos regimes nazifascistas. Esse contexto, acrescido das disputas entre EUA, França e Inglaterra de um lado, e Alemanha, Itália e Japão de outro, gerou a Segunda Grande Guerra.

1.1. O Rearmamento Alemão

Hitler preocupou-se com o rearmamento e com os aliados. Em 1935, por um plebiscito, restabelece o Sarre para a Alemanha. Em 1936, reocupou militarmente a Renânia. Em 1939, o serviço militar agrupa 1.500.000 homens ao exército alemão, que compõem as unidades blindadas (*Panzerdivisionen*) e a aviação militar (*Luftwaffe*).

1.2. A Política Externa de Hitler

A concretização dos objetivos hitleristas e as primeiras reações europeias deram-se de 1933 a 1935. Seus objetivos estavam expostos no livro *Mein Kampf* e eram, basicamente, livrar a Alemanha da humilhação onerosa de Versalhes, reunir em um grande *Reich* alemão todas as populações europeias de língua alemã e conquistar o oeste (Polônia e Ucrânia) para usá-lo como fornecedor de matérias-primas para a Alemanha.

Em 14 de outubro de 1933, Hitler obtinha igualdade de direitos, em relação aos franceses, em matéria de armamentos, abandonando a Conferência de Desarmamento.

Em 25 de julho de 1934, os nazistas austríacos assassinaram o chanceler Dolfuss, na esperança de provocar o *Anschluss* (a união da Áustria com a Alemanha).

Hitler procurava se isolar, mas Mussolini inseriu a Alemanha no “Pacto dos Quatro”, de 1933, a fim de modificar as fronteiras da Europa Central.

Os franceses, imediatamente, aliaram-se aos eslavos e firmaram o Pacto de Assistência Mútua, que Stalin aceitou diante da ameaça nazista. Mais tarde, a França procurou sacrificar a Etiópia e estabelecer um acordo com a Itália, junto à Inglaterra, em 1935.

1.3. A Guerra Civil Espanhola

A Guerra Civil Espanhola (1936-1939) foi decisiva para o delineamento da Segunda Guerra Mundial.

Em 1931, uma parcela da burguesia espanhola, unida aos trabalhadores, proclamou a República. Os republicanos espanhóis pretendiam realizar um programa de reformas, entre as quais estavam a reforma agrária e a reforma urbana.

Para combater o programa republicano, os latifundiários, o clero e os oficiais do exército se organizaram no Partido da Falange, de orientação fascista.

Em 17 de julho de 1936, quando o país se debatia em intensa agitação, levantaram-se os militares, comandados pelo general Francisco Franco, para derrubar a República.

Os fascistas espanhóis receberam ajuda da Itália e Alemanha, que enviaram homens e armas; os republicanos contaram com o apoio da União Soviética e das Brigadas Internacionais, formadas por trabalhadores e intelectuais de diversos países.

A França e a Inglaterra insistiam na idéia de que os países deveriam praticar uma “política de não-intervenção”.

Como a ajuda recebida pelos republicanos revelou-se insuficiente, as forças do fascismo venceram a guerra em 1939. Com a vitória que se consolidou em 28/03/1939 e com a queda de Madri, Franco passou a ser apoiado pela Igreja e por uma parcela dos trabalhadores. Foi mais uma vitória da ditadura que nasceu da democracia. A guerra pro-

porcionou, para a Alemanha, um experimento de seus materiais bélicos e uma aproximação com a Itália.

1.4. As Alianças

Tanto a França como a Grã-Bretanha pronunciaram sanções contra a Itália em relação à Etiópia, o que aproximou Hitler da Itália. A Guerra Civil Espanhola, em 1936, deu a Hitler e a Mussolini uma aproximação ideológica e estratégica na medida em que apoiaram Franco. Em 1º de novembro de 1936, Mussolini proclamou o eixo Roma-Berlim, uma manifestação de solidariedade e não-aliança, pois esta só se completaria com a visita do Führer a Roma, em 1938.

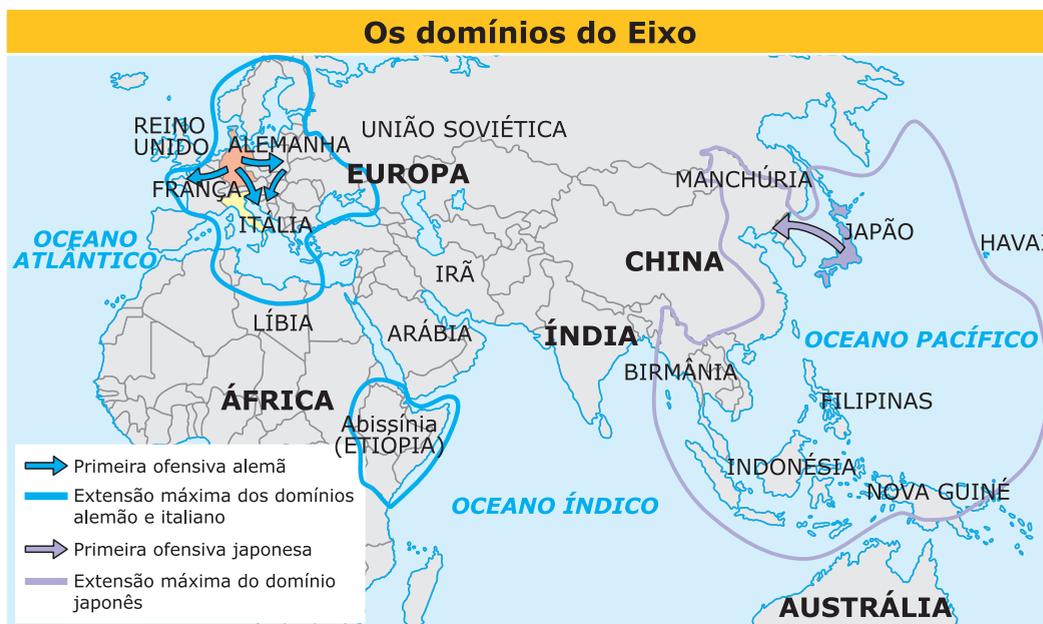
O Japão, tomando a China, temia a URSS e assinaria, em 1936, com a Alemanha, o Pacto Antikomintern, ao qual aderiram a Itália, a

Hungria de Horth e a Espanha de Franco. Hitler criava pontos de apoio.

1.5.0 Anschluss

Desde 1934, com o assassinato do chanceler austríaco Dolfuss, os nazistas alemães passaram a exercer cada vez mais influência na política interna da Áustria. Com o crescimento econômico implantado por Hitler na Alemanha, aliado ao nacionalismo pangermânico, os austríacos, cada vez mais, tendiam a aceitar uma anexação à Alemanha, unindo, dessa forma, a raça germânica sob um Reich.

Em maio de 1938, foi realizado um plebiscito sobre o Anschluss e o resultado foi de 99,75% a favor. Estava, assim, concretizado o Anschluss.



1.6. A Crise da Tchecoslováquia

A política expansionista alemã continuou em 1938.

Hitler exigiu, em Nuremberg, a região dos Sudetos, incorporada à Tchecoslováquia em 1919, onde viviam aproximadamente três milhões de alemães. Os tchecoslovacos resistiram e pretenderam não entregar; para tanto contavam com o apoio da França e da URSS.

Para evitar a guerra, Mussolini propôs uma conferência das quatro grandes potências em Munique. Mussolini, Hitler, Neville Chamberlain e Edouard Daladier representaram, respectivamente, a Itália, a Alemanha, a Inglaterra e a França. A Tchecoslováquia não foi admitida na reunião.

Hitler saiu vitorioso mais uma vez, posto que a região dos Sudetos lhe foi concedida; e, em março de 1939, desrespeitando o acordo de Munique, o fúhrer tomou o resto do país.

1.7. A Vez da Polônia e o Início da Guerra

Um acordo germânico-soviético decidiu a crise final. O pacto de não-agressão nada mais era do que a repartição da Polônia em duas áreas de influência e a passagem da Finlândia, Estônia, Letônia e Bessarábia para o controle russo.

Em 28 de março de 1939, Hitler exigiu Dantzig da Polônia. A Polônia, encorajada pela França e pela Inglaterra, resistiu. Hitler, temendo uma reação ocidental conjunta com a Rússia, assinou um pacto germânico-soviético de não-agressão, reiniciando, a partir daí, a agressão à Polônia.

Em 1º/09/1939, embora a Inglaterra procurasse estabelecer um pacto entre Berlim e Varsóvia, tropas alemãs penetravam na Polônia. A Inglaterra e a França, em questão de horas, exigiram a retirada da Alemanha e declararam guerra.

2. A Guerra

Enquanto a Polônia era invadida pelos alemães, a oeste, e pelos soviéticos, a leste, a França e a Inglaterra declararam guerra à Alemanha.

Na Polônia, os alemães aplicaram uma nova tática de guerra em que o movimento era um dos elementos fundamentais. Tratava-se da *blitzkrieg*, a guerra-relâmpago, baseada na aviação, na artilharia de grande alcance e nos tanques (*panzers*).

Essa tática de guerra permitiu a vitória alemã em poucas semanas. A Polônia, no final de setembro, estava dividida entre a Alemanha e a URSS.

No Ocidente, França e Inglaterra não acreditavam na guerra e insistiam em realizar a paz com a Alemanha.

Entretanto, em abril de 1940, os alemães invadiram a Dinamarca e a Noruega e, em seguida, a Holanda e a Bélgica, preparando o ataque sobre a França.

No território francês, tentou-se impedir o avanço alemão, através da Linha Maginot, formada por franceses e ingleses. A fragilidade dessa defesa obrigou o exército franco-inglês a constantes retiradas.

As forças alemãs, com seus submarinos, atacavam os navios ingleses, e com os aviões, as cidades inglesas. Mas, em setembro, a Inglaterra obteve uma vitória sobre a Alemanha. A Real Força Aérea (RAF) afastou a Força Aérea Alemã (*Lufwaffe*) dos céus ingleses.

Por outro lado, no norte da África, o exército alemão (*Afrikakorps*), comandado pelo general Erwin Rommel (a “Raposa do Deserto”), atacou os ingleses, somando numerosas vitórias, porém não conseguiu a conquista do canal de Suez.

Em junho de 1941, o exército alemão atacou a União Soviética, desrespeitando o tratado de não-agressão.

A operação Barba Ruiva determinou a invasão àquele país em três frentes:

- norte, para ocupar Leningrado;
- centro, para ocupar Moscou;
- sul, para ocupar a região da Ucrânia e do Cáucaso.

A resistência soviética se fez através da campanha da “terra arrasada”, isto é, em seu recuo os soviéticos queimavam e demoliam tudo aquilo que os invasores pudessem utilizar e, com isso, conseguiram deter o avanço alemão.



Em dezembro, chegava ao fim a tentativa de negociação entre EUA e Japão a respeito da expansão deste país na Ásia, com o ataque japonês à base de Pearl Harbor.

A entrada dos EUA na guerra reforçou os aliados, visto que sua indústria foi convertida para a produção bélica. Os norte-americanos tornaram-se os abastecedores das diversas nações que lutavam contra o Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

Em 1942, os japoneses sofreram suas primeiras derrotas. O *Afrikakorps* também foi derrotado pelo exército inglês do marechal Montgomery, na batalha de El Alamein.

Em 1943, na batalha de Stalingrado, o exército alemão, após perder 350 mil homens, foi derrotado. O Exército Vermelho, liderado pelo marechal Zukov, começava seu avanço.

Na batalha do Atlântico, a marinha anglo-americana abateu os submarinos alemães e, em seguida, as cidades alemãs sofreram, diariamente, ataques aéreos das forças anglo-americanas.

Mesmo diante dessa derrotas, a Alemanha se mostrava forte.

Porém, no dia 06 de junho de 1944, começava a Operação Overlord, que consistia no desembarque de milhares de soldados no norte da França, na região da Normandia, cujo objetivo era acabar com a dominação alemã na Europa Ocidental.

A Alemanha resistia através da propaganda nazista e das bombas voadoras, enquanto os aliados invadiam seu território. No dia 8 de maio de 1945, a rendição alemã colocava fim ao Terceiro Reich.

Por outro lado, na Ásia, a guerra continuava com a resistência japonesa. No entanto, a 6 de agosto de 1945, os norte-americanos realizaram o bombardeio atômico em Hiroshima e a 9 de agosto em Nagasaki.

Em 16 de agosto, após vencer a resistência de militares que desejavam continuar a guerra, o governo japonês pediu a paz, encerrando dessa forma a Segunda Guerra Mundial.

	Grã-Betanha	França	URSS	EUA	Polônia	Alemanha	Itália	Japão
População (em milhares)	47.962	41.600	167.300	12.825	34.662	68.424	43.779	70.590
Renda nacional (em milhares de dólares)	23.550	10.296	31.410	67.600	3.189	33.347	6.895	5.700
Reservas (em milhões)	0.4	4.6	12.0		1.5	2.2	4.8	2.4
Forças Armadas em tempo de paz (em milhões)	0.22	0.6	1.7	0.19	0.29	0.8	0.8	0.32
Força Aérea (primeira linha)	2.075	600	5.000	800	390	4.500	1.500	1.980
Destróieres	184	28	28	181	4	17	60	113
Submarinos	58	70	150	99	5	56	100	53

3. Os Acordos de Paz

A questão da redefinição da ordem mundial e do papel que caberia às grandes potências foi debatida em pleno desenvolvimento do conflito, com o encontro dos líderes dos países aliados. Os principais acordos firmados foram:

- **Carta do Atlântico (1941):** Roosevelt (EUA) e Churchill (Inglaterra) decidiram que os Estados Unidos e a Inglaterra não visavam ao engrandecimento territorial, defendiam o direito de autodeterminação dos povos e a igualdade nas relações comerciais.

- **Declaração das Nações Unidas (1942):** EUA, URSS, Inglaterra e China se comprometeram a não assinar a paz em separado.
- **Conferência do Cairo (1943):** Roosevelt, Churchill e Chiang-Kai-Shek decidiram o destino do império japonês. Concordaram que todos os territórios tomados à China pelo Japão, com exceção da Coreia, seriam devolvidos à China.

3.1. Conferências dos Três Grandes: Roosevelt, Stalin e Churchill

Os problemas da Alemanha e da Europa Oriental foram regulamentados em conferências entre líderes aliados. Roosevelt e Churchill são pela capitulação alemã, mas Stalin quer estabelecer uma paz em separado, à medida que as forças alemãs vão sendo derrotadas.

- **Teerã (1943):** determinou que as repúblicas bálticas anexadas pela Rússia, assim como a Polônia e também o oeste polonês, deveriam se submeter ao Comitê da Libertação de Dublin (e não aos governos nacionais refugiados em Londres).
- **Ialta (1945):** delimitou as fronteiras polonesas e o estabelecimento do controle dos “três grandes” (EUA, Inglaterra e URSS) nos países centrais da Europa sem interferência alemã, bem como estabeleceu as zonas de ocupação na Alemanha. Os rusos se comprometeram a entrar em guerra contra o Japão em troca de Porto Arthur e das ilhas Sacalinas.
- **Potsdam (1945):** Stalin, Truman (substituindo Roosevelt, que havia morrido) e Attlee (no lugar de Churchill) fixaram a repartição da Alemanha. Desmembraram as indústrias de guerra, limitaram a produção de aço, desnacionalizaram o parque industrial e levaram a julgamento os principais líderes nazistas.

Em 23 de maio, em Nuremberg, 12 chefes nazistas foram condenados à morte.

O Sarre ficou na zona de ocupação francesa para mais tarde ser explorado e dividido com a Alemanha (1956).

- **Outros Tratados:** Conferência de Paris (1946): sob a presidência do ministro de Relações Exteriores da França, Bidault, firmaram-se tratados com a Itália, Hungria, Bulgária, Romênia e Finlândia.
A Itália abandonou a Etiópia, a Albânia e a Ístria, que se integrou à Iugoslávia.
- A URSS cedeu a Bessarábia à Romênia; Dobrouja à Bulgária; Transilvânia à Hungria e Carélia à Finlândia.
- A Áustria se separou da Alemanha.
- Em 1951, com o Japão, a Rússia e os EUA assinaram o Tratado de São Francisco.

3.2. O Imediato Pós-Guerra

A Segunda Guerra Mundial provocou uma profunda modificação do quadro geopolítico mundial. Seu encerramento marcou o surgimento de duas **superpotências** (EUA e URSS). De um lado, liderando as democracias liberais, estavam os EUA; de outro, o bloco socialista, com a URSS, exercendo um papel destacado. A partir do final dos anos 40, esse bloco foi ampliado com a incorporação da China. A política internacional foi marcada pela **bipolaridade**, destacando-se com frequência as superpotências e seus interesses. Cada uma buscava ampliar seu espectro de influência pelo mundo, aproveitando-se das crises e da instabilidade da conjuntura do pós-guerra.

O Terceiro Mundo, ou melhor, os países que não se posicionavam no mesmo patamar de desenvolvimento dos blocos capitalista e socialista, tornaram-se objeto de disputas acirradas.

No Extremo Oriente, o Japão, um país derrotado e destruído, passou à condição de aliado dos EUA, sobretudo após a revolução socialista na China (1949).

O final da Segunda Guerra também foi marcado pela desestruturação dos impérios coloniais que ainda sobreviviam, no processo conhecido como descolonização. Vários países surgiram na Ásia, Oriente Médio e África após os movimentos emancipacionistas. Quase sem-



pre eram resultados de guerras nacionais e antiimperialistas, conduzindo muitas vezes ao socialismo, gerando, em conseqüência, mais áreas de tensão entre os blocos rivais.

Na busca de estabelecer uma saída diplomática entre as nações, diminuir o clima de tensão e impedir um terceiro conflito mundial, foi criada a Organização das Nações Unidas (ONU).

3.3. A ONU

A Organização das Nações Unidas foi criada para substituir a falida Liga/Sociedade das Nações.

Ainda no contexto da Segunda Guerra, em 1942, representantes de várias nações reuniram-se em Washington, estimulados pelo presidente norte-americano (F. D. Roosevelt), e elaboraram o anteprojeto da ONU, que seria reformulado na conferência de Ialta (URSS – 1945). Sua instituição se deu na Conferência de São Francisco (EUA – 1945).

A primeira sessão da ONU foi realizada no início do ano de 1946, quando foi preenchido o quadro de sua organização e se elegeu seu primeiro secretário-geral.

Contudo, a ONU já nasceu contaminada pela atmosfera do pós-guerra. A Assembléia Geral teve sempre um papel meramente consultivo. O órgão essencial sempre foi o Conselho de Segurança que, embora eleito pela Assembléia, continuou limitado a cinco membros permanentes (EUA, Grã-Bretanha, França, URSS e China) com direito a voto. Dessa forma, o organismo foi utilizado como um instrumento nas mãos dos EUA e seus aliados (democracias liberais), para garantir seus interesses frente à URSS, durante a Guerra Fria.

A ONU, entretanto, também desempenha outras tarefas no mundo, através de seus organismos, como por exemplo:

- I. Unesco (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.)
- II. OIT (Organização Internacional do Trabalho)

- III. OMS (Organização Mundial da Saúde)
- IV. Bird (Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento)
- V. FMI (Fundo Monetário Internacional)

Exercícios Resolvidos

01. Sobre a conjuntura que precede o segundo conflito mundial (1939-45), responda às questões abaixo.

- a) Que importantes países não faziam parte da Liga das Nações? Por quê?
- b) O que significou a Guerra Civil Espanhola para o Eixo (nazismo/fascismo)?

Resposta

a) *Os Estados Unidos não participavam da Liga das Nações porque não pretendiam envolver-se na política européia, e a União Soviética porque fora isolada pelos países capitalistas, receosos da expansão do socialismo.*

b) *O governo nazista alemão pôde testar seus novos armamentos durante a Guerra Civil Espanhola, preparando-se, assim, para executar seus planos expansionistas.*

02. Quais as primeiras conquistas alemãs que deram início à Segunda Guerra Mundial?

Resposta

Em 1938, a Alemanha invadiu a Áustria, exigiu e obteve a região dos Sudetos, ocupando, entretanto, toda a Tchecoslováquia. Em seguida, invadiu a Polônia, o que detonou o conflito.

03. O que foi o Pacto Germano-Soviético?

Resposta

Foi um tratado de não-agressão assinado entre a Alemanha e a União Soviética, que garantia que a Alemanha não invadiria o território soviético e, em contrapartida, a União Soviética permaneceria neutra, se houvesse uma nova guerra.

04. (Fatec-SP) Em maio e junho de 1942, aconteceram, respectivamente, as importantes vitórias de mar de Coral e Midway que, seguidas da tomada de Guadalcanal nas ilhas Salomão, impediram a queda da Austrália e

ilhas havaianas, durante a Segunda Guerra Mundial. Responda às questões abaixo.

a) Quais foram os principais oponentes nessa frente de guerra do Pacífico? Qual foi o lado vencedor nas batalhas citadas?

b) Qual foi o importante acontecimento que iniciou a luta nesse setor da guerra e, ainda, em 7 de dezembro de 1941, pôs a pique quase toda uma frota, além de destruir aviões antes mesmo que levantassem vôo?

Resposta

a) *EUA e Japão. Os EUA foram o vencedor.*

b) *O ataque a Pearl Harbor.*

05. Quais foram as principais decisões tomadas na Conferência de Potsdam?

Resposta

A Alemanha deveria reduzir seu poder militar, pagaria indenizações de guerra e teria seu território

dividido entre a França, a Inglaterra, os Estados Unidos e a União Soviética.

06. Cite algumas áreas de atuação da ONU e de seus órgãos especializados.

Resposta

Além de procurar preservar a paz no mundo, a ONU, através de suas agências e organismos especializados, atua nas áreas de educação, ciência, cultura, alimentação e agricultura, saúde, e dá especial atenção à infância.

07. Identifique as principais diferenças entre as conjunturas pós-Primeira Guerra (1914-18) e a pós-Segunda Guerra (1939-45).

Resposta

O período após a Primeira Guerra foi marcado pela desmobilização bélica, enquanto depois da Segunda Guerra houve a ampliação da produção bélica e a divisão do mundo em dois blocos.

Capítulo 04. A Guerra Fria e a Expansão do Bloco Socialista

1. Guerra Fria

O fim da Segunda Guerra Mundial (1939-45) assinalou o declínio da Europa e a ascensão de superpotências: EUA e URSS. A partir de 1945, a política internacional tornou-se bipolar e dois sistemas antagônicos passaram a defrontar-se: o capitalismo e o socialismo.

A **Guerra Fria**, que é a definição dessa conjuntura de conflito internacional, foi desencadeada pelo avanço soviético no Leste Europeu e pela afirmação explícita da liderança norte-americana com a **Doutrina Truman**.

A **Guerra Fria** adquiriu um caráter internacional, pois em todo o mundo capitalistas e socialistas mediam suas forças. Com a Revolução Chinesa (1949), o foco principal das tensões passou a se localizar no Sudeste Asiático: na Guerra da Coreia (1950-53) e na Guerra do Vietnã, cuja intervenção americana iria de 1954 até 1975.

A ameaça de uma guerra total (nuclear) espalhou o clima de terror pelo mundo. Por conta dessa nova tecnologia bélica e sua imensa capacidade de destruição, um acordo bilateral parecia ser a resolução política mais prudente. A partir da Conferência de Genebra (1953), as duas superpotências decidiram-se pela “coexistência pacífica”. Mesmo assim, as tensões internacionais não diminuíram, pois o confronto bipolar continuava. O clímax da Guerra Fria situou-se em 1961, com a decisão do presidente Kennedy de bloquear Cuba. Superada essa divergência sobre os mísseis soviéticos em solo cubano, teria início um período de coexistência pacífica e *détente* que marcaria os anos 60/70. Ao longo dos anos 80 havia no ar uma “nova” Guerra Fria, porém, com a queda do

muro de Berlim (1990) e o desmembramento da URSS (1991-92), revelou-se o término desse período.

1.1. Guerra Fria “Clássica” (anos 40/50)

I. W. Churchill e a “Cortina de Ferro”

No início do ano de 1946, o líder britânico Winston Churchill, em visita aos EUA, fez um discurso na cidade de Fulton, tendo ao seu lado o presidente norte-americano H. Truman. Nesse pronunciamento, conclamou os norte-americanos a fornecerem ajuda econômica e militar à Grécia e à Turquia, cujos governos estavam mergulhados em uma luta interna contra o partido comunista. Alertava o ex-primeiro ministro britânico para o perigo que representava para o “mundo livre” essa expansão do comunismo.

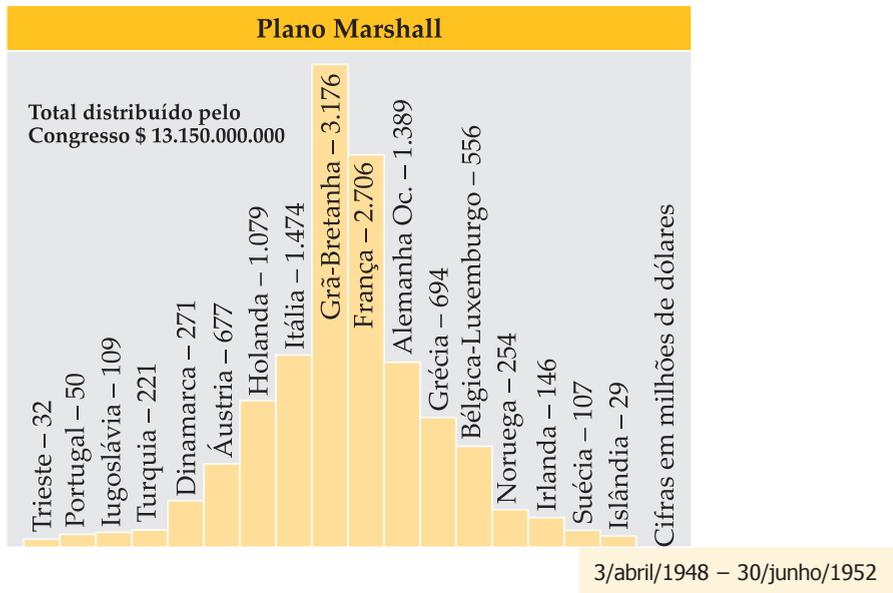
II. A Doutrina Truman

Em resposta ao discurso de Churchill e em atenção aos seus próprios interesses, o presidente H. Truman elaborou, em 1947, uma mensagem ao congresso norte-americano que ficou conhecida na história como Doutrina Truman. Nessa mensagem histórica, H. Truman solicitava aos congressistas a concessão de ajuda econômica e militar aos governos grego e turco. Estava atendendo, assim, ao pedido feito por W. Churchill. A Doutrina Truman, na verdade, declarava oficialmente a Guerra Fria.

III. O Plano Marshall

Uma vez que teve início a Guerra Fria, dentro dos planos norte-americanos de contenção do expansionismo soviético, seria de suma importância cuidar da reconstrução da Europa. Isso foi proposto pelo general G. Marshall e aceito pelo governo norte-ameri-

cano. Milhões de dólares foram injetados na Europa Ocidental, com o claro objetivo de propiciar uma rápida recuperação, para fazer frente ao avanço soviético. É importante frisar que tal ajuda foi oferecida também aos países da Europa Oriental, os quais foram impedidos de aceitar pelo líder soviético J. Stalin. Somente a Iugoslávia desobedeceu aos ditames soviéticos, gerando o primeiro cisma dentro do bloco socialista. O presidente J. Tito aceitou a ajuda norte-americana, mas manteve-se socialista.



IV. A Otan e o Pacto de Varsóvia

Para cercear o avanço soviético, não bastava ajuda econômica. Foi necessário, ainda, criar uma aliança militar na Europa Ocidental. Isso se concretizou com a criação da organização do Atlântico Norte (OTAN), em abril de 1949. A OTAN é uma organização militar, formada por países da Europa Ocidental, pelos EUA e o Canadá, fundamentada na “defesa” político-militar dos seus componentes.

Por sua vez, os soviéticos reagiram a todas essas tentativas de contenção. Os países da Europa Oriental foram “sovietizados”, em resposta à tentativa norte-americana de atraí-

los para sua influência econômica e política. Nos primeiros anos do pós-guerra, os governos desses países-satélites ainda reuniam elementos dos antigos partidos burgueses e camponeses. Os partidos comunistas não eram em geral os mais poderosos e consolidados. No entanto, à medida que as pressões e interferências norte-americanas aumentaram, todos os partidos foram dissolvidos, instituindo-se regimes totalitários (partido único – ditadura) estimulando a coletivização das terras. Reorganizou-se também o *Komiform* (comitê de informação dos partidos comunistas) e foi criada a aliança militar dos países da Europa Oriental e da URSS, chamada de Pacto de Varsóvia.

Os blocos militares em 1980



V. O Bloqueio de Berlim

No contexto da Guerra Fria, uma das regiões mais explosivas e de maior tensão entre o bloco capitalista e o socialista foi a Alemanha. Com o término da Segunda Guerra Mundial (1939-45), a Alemanha foi dividida em quatro setores, ocupados por soviéticos, norte-americanos, ingleses e franceses. A cidade de Berlim, antiga capital da Alemanha, ficou também dividida em quatro setores, posteriormente reduzidos a dois. Em 1948, enquanto se debatiam questões relativas à criação da nova moeda alemã, o problema de Berlim tornou-se crítico e os soviéticos iniciaram um bloqueio da cidade, com o objetivo de impedir o abastecimento da parte ocidental.

Entretanto, uma ponte aérea organizada pelos norte-americanos e ingleses conseguiu manter o abastecimento da cidade, determinando mais tarde o fim do bloqueio. Imediatamente após tais acontecimentos, os soviéticos criaram a República Democrática Alemã (RDA), e os norte-americanos, ingleses e franceses unificaram seus setores fazendo surgir a República Federal da Alemanha (capitalista).



VI. O Macarthismo

No final dos anos 40, dentro dos EUA, o clima de histeria anticomunista atingiu seu ponto máximo com a campanha desenvolvida pelo então senador J. R. MacCarthy para eliminar os elementos comunistas da sociedade norte-americana. Um sem-número de perseguições e prisões foram feitas, inclusive no meio artístico. Uma das mais famosas vítimas foi o ator e diretor de cinema Charles Chaplin. A onda de caça às bruxas era alimentada constantemente com novos acontecimentos: a URSS explodiu suas primeiras bombas atômicas, e a China fazia sua revolução, aderindo também ao socialismo. Esse clima de paranóia e histeria que se instalou no seio da sociedade norte-americana só teve fim quando o senador MacCarthy passou a acusar elementos das forças armadas de comunistas. Em 1954, o senador foi condenado pelo Congresso por suas atividades e caiu no ostracismo.

VII. A Guerra da Coréia

Ao longo dos anos 50, um dos momentos mais tensos da primeira fase da Guerra Fria foi a Guerra da Coréia (1950-53). Após a Segunda Guerra Mundial, a Coréia fora desmembrada em duas áreas de influência: o norte, sob controle comunista e apoiado pela URSS; e o sul, capitalista e apoiado pelos EUA. De acordo com a decisão da ONU, após as eleições gerais haveria um processo de reunificação. Contudo, conflitos fronteiriços, a partir de 1950, levaram a uma guerra entre o norte e o sul, com o envolvimento direto dos EUA apoiando a Coréia do Sul, enquanto a URSS e China deram apoio ao norte.

O conflito se estendeu até 1953, quando foi assinado um acordo, confirmando a divisão da Coréia (paralelo 38°), situação inalterada até hoje.



VIII. O Muro de Berlim

Em 1961, o êxodo de centenas de milhares de trabalhadores da Alemanha Oriental para o lado Ocidental, em busca de melhores condições de vida e trabalho, provocou a construção do muro de Berlim. Construído pelos comunistas, seria o maior ícone da Guerra Fria.

IX. A Questão dos Mísseis

A fase final dessa primeira fase foi marcada pela crise dos mísseis soviéticos em Cuba. A Revolução Cubana, liderada por Fidel Castro

e Ernesto Che Guevara, ocorreu em 1959 e levou a ilha caribenha para o bloco socialista. A espionagem norte-americana descobriu que estavam sendo construídas plataformas de lançamento de mísseis, o que levou o presidente J. F. Kennedy a ordenar o bloqueio de Cuba pela marinha norte-americana e a imediata retirada dos mísseis sob ameaça de invasão.

O governo soviético optou por atender à imposição norte-americana, mas garantindo, por outro lado, que os EUA não provocariam a derrubada de Fidel Castro.

Essa crise serviu para mostrar que a política de enfrentamento entre as duas superpotências poderia levar a conseqüências desastrosas. Havia algum tempo a liderança soviética vinha dando sinais em direção a uma “coexistência pacífica”. A instalação do “telefone vermelho”, ligando Washington (Casa Branca) a Moscou (Kremlin), foi um exemplo e um termo dessa primeira fase da Guerra Fria.

1.2. A Coexistência Pacífica (anos 60/70)

A idéia de uma coexistência pacífica foi concebida por N. Kruschev, que sucedeu J. Stalin na URSS. Ele partia do princípio de que a luta entre os sistemas (capitalismo x socialismo) deveria ser travada no campo econômico e não no campo militar. Ao longo dos anos 60, essa tese foi incorporada pelos EUA, passando a nortear as novas relações entre as duas superpotências. Estes esforços de aproximação e de atitudes antibeligerantes, no entanto, serviram para acobertar um dos maiores massacres do século XX: a Guerra do Vietnã, que se difundiu pelo Sudeste Asiático (ex.: Laos e Camboja). Ao longo dos anos 70, sob a liderança de R. Nixon (EUA) e L. Brejnev (URSS), as relações entre os dois países entraram em uma atmosfera de distensão (*détente*).

O cenário mundial sofreu significativas mudanças em relação aos primeiros momentos da Guerra Fria. Por exemplo: no conflito entre a URSS e a China, os americanos procuraram a aproximação com os chineses. Para tanto, era necessário pôr um ponto final na Guerra do Vietnã, o que foi feito em 1972. A reaproximação entre China e EUA tinha como principal objetivo fazer a URSS encarar a China como um potencial concorrente no bloco socialista, mais perigoso que os EUA. Com a ascensão de J. Carter ao governo norte-americano, essa política foi mantida, porém, no

final dos anos 70, uma série de conflitos localizados contribuíram para a instabilidade internacional. Em especial, a ascensão do Aiatolá Khomeini, no Irã, em substituição ao Xá Reza Pahlevi, antigo aliado dos EUA. Essa nova conjuntura praticamente congelou a *détente*. Contudo, é importante esclarecer que o choque entre as duas superpotências não teria um termo, na medida em que pode ser sentido na descolonização africana e no apoio norte-americano a Israel.

Mas o “esfriamento” das relações ficou bastante evidenciado na invasão do Afeganistão pela URSS (1979). Como forma de reação a essa invasão, os EUA resolveram boicotar os Jogos Olímpicos de 1980, realizados em Moscou.

Nos EUA, a questão dos reféns americanos presos no Irã e a indecisão do governo Carter contribuíram para uma onda conservadora que levou à vitória o ex-ator R. Reagan nas eleições presidenciais. Um novo discurso agressivo e de enfrentamento em relação à URSS passou a ser praticado, gerando o que pode ser chamada de “nova” Guerra Fria.

1.3. A Nova Guerra Fria (anos 80/90)

O novo presidente americano havia se destacado nos anos 40/50, apogeu do macarthismo, como um elemento que, sendo ator do cinema, contribuiu para denunciar ao FBI uma série de colegas de profissão. Na condição de presidente da maior potência militar e econômica do mundo, R. Reagan proferiu vários discursos contra os “satânicos” comunistas e revelou a disposição para um novo enfrentamento bipolar.

Isso pôde ser notado na ajuda econômica e militar à guerrilha afgã e, especialmente, na América Latina, com o apoio incontestado à oposição ao governo sandinista da Nicarágua, que havia derrubado o ditador pró-EUA A. Somoza.



O cerco à Nicarágua foi feito inclusive com apoio financeiro e logístico aos “contras”, elementos que, baseados em países limítrofes à Nicarágua, tentavam derrubar o governo sandinista. A invasão na Ilha de Granada pelos *mariners* norte-americanos foi um sinal direto para os nicaraguenses.

No entanto, a reviravolta histórica ficou por conta da ascensão de M. Gorbachev na URSS e sua política de *Glasnost*, associada à Perestróica.

O fato é que, devido às novas propostas do dirigente soviético, interessado em reduzir os orçamentos militares para atender às necessidades mais urgentes da economia soviética, os norte-americanos foram surpreendidos com as propostas de destruição de armamento (mísseis) e desarmamento sugeridas por M. Gorbachev.

Os novos tratados firmados em 1987 reduziram muito pouco os arsenais das duas superpotências, mas foi um primeiro passo no sentido de trazer paz e uma nova conjuntura geopolítica.

Exercícios Resolvidos

01. Por que razão os Estados Unidos se encontravam em boas condições econômicas após a Segunda Guerra Mundial?

Resposta

Porque o território norte-americano não sofreu bombardeios e a economia do país estava em pleno desenvolvimento, graças à guerra.

02. O que os Estados Unidos pretendiam com a criação do Plano Marshall?

Resposta

Através de ajuda técnica e econômica aos países arruinados pela guerra, os Estados Unidos pretendiam deter a expansão socialista e reforçar sua influência sobre eles.

03. Que nações compunham o bloco capitalista e o bloco socialista?

Resposta

O bloco capitalista reunia diversas nações capitalistas do Ocidente e o bloco socialista compunha-se das nações da Europa Oriental e do Extremo Oriente, sob influência soviética.

04. Defina Guerra Fria.

Resposta

Guerra Fria foi o nome dado ao clima de tensão entre os blocos socialista e capitalista liderados, respectivamente, pela União Soviética e Estados Unidos, estabelecidos após a Segunda Guerra, que atingiu o seu auge durante a década de 50.

05. Explique o que se entende por coexistência pacífica.

Resposta

Seguindo-se à Guerra Fria, a coexistência pacífica foi a estratégia diplomática assumida pelos Estados Unidos e pela União Soviética, em que admitiam suas rivalidades, passando a manifestá-las no campo das realizações econômicas e científicas, abandonando, assim, a intolerância que punha o mundo à beira de uma nova guerra.

2. A URSS e a Europa Oriental

Até o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, somente a URSS era um estado socialista. No entanto, vários países do leste europeu, que haviam sido ocupados pelos nazistas ao longo da guerra, se uniram aos soviéticos formando o bloco socialista da Europa Oriental.

A implantação de governos pró-URSS nesses países resultou de uma conjunção de fatores, tais como:

1. a participação dos comunistas nas frentes de resistência à dominação nazista;
2. o apoio do exército soviético às lideranças em cada um dos países apontados no mapa;
3. a constituição, após a guerra, de governos provisórios de orientação socialista, compostos por elementos oriundos das frentes de resistência, agora transformadas em frentes patrióticas;
4. a exclusão dos partidos burgueses da direção dos novos governos;
5. a imposição da reforma agrária e a nacionalização das indústrias, sinalizando o caminho para uma sociedade socialista;
6. a proibição de partidos burgueses e a purificação nos partidos comunistas.

Por tudo isso, ficou evidente que a implantação de regimes socialistas na Europa Oriental foi resultado, em grande parte, do poder e dos interesses da URSS no imediato pós-guerra.



Como podemos observar no mapa, no leste-europeu, um bloco de países que apoiavam e eram apoiados pela URSS foi constituído. Polônia, Tchecoslováquia, Iugoslávia, Albânia, Hungria, Romênia, e Bulgária tornaram-se “comunistas”.



Em 1948, o líder comunista da Iugoslávia, J. Tito, adotou em seu país uma forma própria de socialismo, recusando-se a adotar o modelo da URSS.

Em 1953, com a morte de J. Stalin, algumas modificações se fizeram notar. O processo conhecido como “desestalinização” estimulou uma conjuntura de reformas e liberalização. Tais foram os casos, por exemplo, da Hungria e da Tchecoslováquia.

Entre a revolta da Hungria (1956) e a revolta da Tchecoslováquia (1968) passou-se mais de uma década, no entanto, pode-se encontrar uma ligação entre elas. Tanto na primeira como na segunda, foi necessária a intervenção militar da URSS para pôr termo aos levantes proletários estudantis que exigiam uma autêntica democracia comunista. Nos dois movimentos foi notória a indecisão das lideranças partidárias diante dos acontecimentos.

O movimento de 1956, na Hungria, foi marcado pelo caráter contra-revolucionário, merecendo a censura ou o silêncio dos partidos comunistas da Europa Ocidental. Já o movimento de 1968, na Tchecoslováquia, conhecido como “Primavera de Praga”, contou com a solidariedade da esquerda ocidental, inconformada com a violência que marcou a dissolução da revolta por parte das forças armadas da URSS. Nesse contexto, a “Primavera de Praga” contribuiu sobremaneira para que as esquerdas européias compreendessem a verdadeira face do regime soviético e, mesmo, as contradições e limites da chamada “desestalinização”.

Tais acontecimentos provocaram a rejeição do modelo soviético e a condenação da intervenção armada, levando os partidos comunistas da Europa Ocidental (Ex.: Itália e França) a uma releitura teórica que deu origem ao chamado “Eurocomunismo”.

Na essência do Eurocomunismo reside a compreensão de que o caminho para o socialismo deve ser pacífico e democrático, atrain-

do os setores das camadas médias, além do proletariado. Através da crítica ao dogmatismo e monolitismo da URSS e seus satélites, a Europa Ocidental passou a buscar soluções nacionais e não a orientação da URSS.

A busca de um “socialismo de rosto humano” e a da total democratização do bloco socialista ficariam como significado maior da “Primavera de Praga”.

De certa forma, esses ideais estiveram presentes, ao longo dos anos 80/90, nas reivindicações do sindicato Solidariedade da Polônia, nas manifestações estudantis na China e, de maneira oficial, com a *Glasnost* e a Perestroika, propostas pelo líder soviético M. Gorbachev.

3. A China e a Revolução

A república chinesa foi proclamada por Sun Yat-Sen, fundador do partido nacionalista, em 1912. Chiang Kai-shek assumiu o controle do novo governo em 1925, vencendo os generais que faziam oposição à república, e rompeu com o partido comunista.

Mao Tsé-tung, que fundou o Partido Comunista em 1921, após o rompimento da aliança com o governo republicano de Chiang Kai-shek, organizou tropas de guerrilheiros e proclamou a República Soviética Chinesa em 1931, em oposição à República Nacionalista de Chiang Kai-shek.

Para evitar o cerco do governo da República Nacionalista, Mao Tsé-tung e seus comandados se deslocaram para o norte do país. Esse deslocamento ficaria conhecido como a “Longa Marcha” (1934/35).

Com a invasão japonesa em 1931, Chiang Kai-shek fez um acordo com os comunistas para a expulsão dos invasores. O conflito arrastou-se até 1945, com a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial. A partir daí o conflito civil entre comunistas e nacionalistas se reacendeu.

Ao longo de 1949, os nacionalistas foram derrotados pelas forças comunistas, refugiando-se na ilha de Formosa (atual Taiwan), recebendo apoio dos EUA. Mao Tsé-tung implantou a República Popular da China, governada pelo ditador até sua morte em 1976.

Mao Tsé-tung promoveu reformas como desapropriação dos latifúndios (reforma agrária), concessão de terras ao campesinato, educação gratuita e obrigatória, igualdade entre os sexos e controle da natalidade.

A independência da China Popular na condução da economia levou a um processo de ruptura com a URSS (Cisma Sino-soviético – 1960), prejudicando o “grande salto para a frente”, plano industrial chinês que contava com o apoio da URSS.

A partir de 1966, Mao Tsé-tung promoveria a “Revolução Cultural” que duraria até 1975, fazendo uso dos jovens comunistas que, através da guarda vermelha, perseguiram, censuravam e eliminavam os possíveis opositores ao governo.

Com a morte de Mao Tsé-tung em 1976, Deng Xiaoping assumiu o governo, estimulando o desenvolvimento econômico e a militarização do país. Reatou relações diplomáticas com os EUA em 1979 e promoveu a perseguição aos seus opositores. Deng Xiaoping morreu em 1997, mas seus sucessores deram continuidade ao processo de abertura econômica por ele iniciado.

Em maio de 1989, estudantes promoveram grandes manifestações na “Praça da Paz Celestial”. Foram reprimidos com grande violência e, assim, o movimento pela liberda-

de, que ficou conhecido como “Primavera de Pequim”, foi extirpado.

A falta de democracia não impediu o desenvolvimento econômico chinês. A economia do país mais populoso do mundo cresce à proporção de 10% ao ano, fazendo surgir um sistema híbrido que vem conciliando o forte controle político comunista com a política de mercado capitalista.

4. O Socialismo no Sudeste Asiático

Na Ásia, o socialismo foi implantado, inicialmente, pelos soviéticos, no norte da Coreia, ficando o sul no regime capitalista e sob influência norte-americana. A Guerra da Coreia entre 1950-1953 consolidou a divisão entre os dois estados no paralelo 38°.

No Vietnã, desenvolveu-se uma das guerras mais violentas do mundo contemporâneo, culminando com a estabilização do socialismo no Vietnã do Norte. No Vietnã do Sul, com apoio do Vietnã do Norte, houve a vitória dos “vietcongs” sobre os EUA. Em seguida, o norte e o sul unificaram-se sendo chamados de República Socialista do Vietnã (1968-1975).

Os guerrilheiros comunistas do Laos (*pathet lao*) tomaram o poder em 1975, sob a influência da conjuntura vietnamita. No mesmo ano, o Khmer Vermelho tomou o poder no Camboja, proclamando a república comunista.

Esses fatos marcaram o fim da influência ocidental na antiga Indochina e o abandono da “teoria dominó” na Ásia.

**Independência da Indochina Francesa (1945-1954)
e Unificação do Vietnã (1976)**



Exercícios Resolvidos

01. Qual a importância do XX Congresso do Partido Comunista na história política da União Soviética?

Resposta

No XX Congresso, Nikita Kruchev, sucessor de Stalin no governo da União Soviética, condenou os métodos stalinistas, baseados no terror e na repressão violenta contra os adversários políticos. O congresso marcou o fim da era stalinista e o início de uma “coexistência pacífica” com o Ocidente.

02. Resuma a economia soviética a partir de 1928.

Resposta

As principais características da economia soviética a partir de 1928 foram a estatização dos meios de produção, o monopólio estatal do comércio exterior e a planificação econômica. A agricultura soviética era organizada com base em duas estruturas principais: as fazendas cooperativas ou kolkhozes, nas quais a terra era trabalhada coletivamente por todos os camponeses; e as fazendas coletivas ou sovkhozes, exploradas diretamente pelo Estado. Órgãos como o Gasplan elaboravam programas de planificação, geralmente quinquenais, que determinavam o caminho a ser seguido pela economia durante o período. A trans-

formação econômica realizou-se à custa de sofrimento social: milhões de pessoas foram enviadas para campos de trabalhos forçados, presas ou fuziladas. Os êxitos da economia tornaram-se importantes instrumentos de propaganda, mas os problemas forçaram a descentralização das decisões a partir de 1957.

03. De que forma se consolidaram os governos socialistas do Leste Europeu?

Resposta

Os governos socialistas no Leste Europeu foram instalados e consolidados por meio de revoluções por decreto, respaldadas pelo poderio militar de Moscou. Foram sufocadas revoltas na Hungria, na Polônia e na Tchecoslováquia.

04. Qual a principal diferença entre a Revolução Chinesa e a Revolução Russa?

Resposta

A Revolução Russa foi um movimento do proletariado urbano com apoio dos camponeses, que tomou a forma de insurreição nas grandes cidades, onde os bolcheviques assumiram rapidamente o poder. Partiu, assim, da cidade para o campo. Já a Revolução Chinesa foi um movimento de grandes massas camponesas lideradas pelo Partido Comunista. Assumiu a forma de guerra camponesa prolongada, partindo do campo para a cidade.



Capítulo 05. Descolonização Afro-Asiática

Após a Segunda Guerra Mundial, dois blocos se confrontavam na Guerra Fria, o bloco Capitalista (EUA) e o Socialista (URSS). Enquanto isso, as nações-metrópoles europeias, concentradas em sua recuperação, observavam a derrocada dos seus impérios coloniais na África e Ásia.

As potências imperialistas europeias, enfraquecidas pelos efeitos mais gerais da Primeira Guerra, crise de 1929 e Segunda Guerra, não conseguiram barrar os processos emancipacionistas coloniais.

Ao longo do pós-guerra, a população colonial começou a identificar as contradições existentes entre os princípios propagados pelos colonizadores europeus e suas práticas políticas e administrativas.

Esses fatores conjugados estimularam os movimentos de descolonização e de luta pela autodeterminação. Diferentemente do processo emancipacionista ocorrido nas Américas (séculos XVIII-XIX), que tinha apenas um caráter político-jurídico, o nacionalismo afro-asiático do século XX, tinha também um conteúdo econômico-social, reagindo não só ao colonialismo, mas também ao racismo e ao imperialismo.

A eclosão do processo de descolonização trouxe uma estratégia dos países que emergiam no continente africano e asiático. Em Bandung (1955), na Indonésia, reuniram-se 29 desses países que se apresentavam naquela conjuntura como o terceiro mundo. Pronunciaram-se pelo socialismo e neutralismo, como também contra o ocidente (EUA e Europa) e contra a URSS, e proclamaram o compromisso de povos liberados de ajudar a libertação dos povos dependentes. O espírito de Bandung permaneceu por mais de uma década alimentando movimentos de libertação.

Contudo, esse posicionamento da conferência de Bandung não deu aos movimentos de libertação uma uniformidade. Isto resultou da própria forma de colonização, feita por metrópoles diversas que impuseram nos seus domínios costumes e valores diferentes.

Por isso, a independência afro-asiática foi marcada por caminhos opostos, pacíficos ou violentos. Cada processo teve uma situação peculiar determinada pela situação de cada colônia e pela posição da respectiva metrópole a respeito da independência.

1. África

Uma das primeiras conseqüências da Segunda Guerra Mundial foi a emancipação política dos antigos povos coloniais, particularmente na África e na Ásia. Tanto num como noutro continente, as antigas colônias europeias participaram ativamente do conflito, lutando, ombro a ombro, ao lado de suas metrópoles contra o inimigo comum. No decurso dos vários anos de guerra, várias dessas colônias foram subitamente abandonadas à sua própria sorte e tiveram de enfrentar sozinhas situações de extrema necessidade, o que as forçou a uma experiência de autonomia.

Finda a guerra, a Europa viu-se enfraquecida, obrigada a aceitar a ajuda das superpotências, os EUA e a URSS, as quais começaram a disputar entre si áreas de influência na Ásia e na África, estimulando o processo de descolonização. Ao mesmo tempo, a elite intelectual das diferentes colônias afluía, em número cada vez maior, aos grandes centros universitários, não só europeus como americanos, inteirando-se dos ideais de liberdade, sobretudo daqueles expressos na Carta das Nações Unidas e na Declaração Universal dos Direitos do Homem. Todo esse con-

junto de fatores levou os povos afro-asiáticos a exigirem que seus direitos à liberdade e à autonomia fossem reconhecidos e conduziu-os à dissolução dos antigos impérios coloniais.

Até 1950 existiam na África apenas quatro países independentes: a Etiópia, a Libéria, o Egito e a República Sul-Africana. Entre 1951 e 1958, conquistaram sua independência, no continente africano, a Líbia (1951), o Sudão (1956), o Marrocos (1956), Gana (1957) e Guiné (1958).



Após a **Conferência de Bandung** (Indonésia, 1955), onde foi aprovado o princípio da coexistência pacífica e dos direitos à autonomia e à liberdade dos países africanos e asiáticos, o ritmo de descolonização e o processo de independência aceleraram-se consideravelmente, na África, a partir de 1960. Muitas das antigas colônias européias adotaram nomes nativos; por motivos de dissensões ou de conflitos internos, algumas delas desmembraram-se em novos países.



Algumas dessas dissensões internas não chegaram a se concretizar como desmembramentos, mas se destacaram pela guerra violenta e pela participação de forças externas, tais como: a tentativa de Katanga de se seccionar do Zaire, ex-Congo Belga (1960–1965), e a de Biafra de se seccionar da Nigéria (1967–1970).

As colônias portuguesas foram aquelas que mais tiveram de lutar pela sua independência, uma vez que o regime salazarista de Portugal negava-se a qualquer diálogo no sentido de autonomia das colônias. Somente após a queda do regime (1974), foram possíveis os entendimentos para a independência de Moçambique (25 de junho de 1975) e de Angola (10 de novembro de 1975).

Um dos grandes problemas da África atual é a posição adotada pela República Sul-Africana e pelo Zimbábue (antiga Rodésia). Enquanto, na maioria das colônias, o branco praticamente se retirou, entregando o poder aos negros, naqueles dois países, a independência foi feita pelos próprios brancos, que permaneceram no poder e não reconheceram os direitos da maioria negra. Por essa razão, vêm sofrendo pressões da ONU e dos demais países africanos.

2. Ásia

Na Ásia, o processo de descolonização foi bem mais complexo e as conseqüências repercutem ainda em nossos dias.

As Ilhas Filipinas puderam chegar pacificamente à sua autonomia em 1946. Em 1947, a Índia, a mais importante das antigas colônias britânicas na Ásia, tornou-se independente graças à atuação de **Mahatma Gandhi**, usando o princípio da não-violência, subdi-

vidindo-se, porém, a seguir, em República da Índia e República do Paquistão. Ainda em 1947, a Inglaterra concedeu independência à Birmânia. A Holanda viu-se compelida a reconhecer a independência da Indonésia em 1949. Convém lembrar agora que, em 1949, após a vitória do regime comunista na China, esta dividiu-se em República Popular da China e China Nacionalista (Formosa). A presença das duas Chinas é ainda um ponto de tensão no Oriente, embora, em 1971, a República Popular da China tenha sido admitida na ONU em detrimento da China Nacionalista. O surgimento da China comunista alterou sensivelmente o quadro das relações entre os povos do Oriente. Já em 1950, interferiu na Guerra da Coreia, ao lado da Coreia do Norte, que tinha o apoio dos EUA. Pouco tempo depois, passou a interferir também na Guerra do Vietnã, a favor do Vietnã do Norte (comunista), apoiado pelos russos, contra o Vietnã do Sul, apoiado pelos americanos.

A Guerra do Vietnã foi uma conseqüência direta do processo de descolonização da Ásia. Após prolongadas lutas, a antiga Indochina francesa conseguiu finalmente a sua independência em 1954, mas se desmembrou em Laos, Camboja e Vietnã. Neste último, desencadeou-se a guerra civil entre o Vietnã do Norte, controlado pelos comunistas e recebendo apoio da URSS e da China, e o Vietnã do Sul, que recebeu apoio dos EUA. Essa guerra se transformou num dos mais violentos conflitos do mundo contemporâneo (1963-1973). A retirada das tropas americanas do Vietnã e as conversações em Paris permitiram o estabelecimento da paz em 1973, mas o desfecho final se deu em 1975, quando o Vietnã foi unificado dentro do regime comunista.



A Guerra do Vietnã terminou por envolver também o Camboja e o Laos. Nesses países, as forças em choque foram as mesmas da Coreia e do Vietnã. O resultado final foi o avanço, na Ásia, de regimes comunistas. Em 1975, instalou-se no Camboja um Estado socialista, criando a República do Khmer; e, no Laos, foi instalada a República Democrática Popular do Laos, também adotando a linha socialista.

Apesar do auxílio da URSS para o desenvolvimento da China, as relações amistosas entre os dois países começaram a se alterar a partir de 1959. Nesse ano, a URSS anulou o acordo de cooperação no campo atômico, porém não conseguiu impedir que, em 1964, a República Popular da China explodisse sua primeira bomba atômica. As dissensões entre as duas potências chegaram até a ataques armados em torno da região de Ossuri (2 a 15 de março de 1969). Entretanto, o afastamento das duas nações comunistas permitiu uma aproximação entre a China e os EUA, e deste com a URSS, resultando em mais equilíbrio e maior distensão na política internacional.

Exercícios Resolvidos

01. (Fuvest-SP) A doutrina de Gandhi está sintetizada nestas palavras, dirigidas a um inglês: “Para fazer triunfar a nossa causa,

estamos dispostos a derramar o nosso sangue – não o vosso”.

- a) Qual era a causa de Gandhi?
- b) Quais os princípios fundamentais de sua doutrina?

Resposta

- a) *A Independência da Índia em relação ao colonialismo britânico.*
- b) *Não-violência, desobediência civil e resistência passiva.*

02. Por que motivo os países colonizados intensificaram suas lutas pela independência após a Segunda Guerra?

Resposta

Aproveitando-se da debilitação dos países colonizadores da Europa e do Japão, as colônias na Ásia e na África intensificaram as lutas para obterem sua independência.

03. O que foi a Conferência de Bandung?

Resposta

Movidos por interesses políticos, econômicos e sociais comuns, vários novos países africanos e asiáticos reuniram-se em Bandung, na Indonésia, e estabeleceram uma linha de atuação, defendendo o direito à autonomia e à liberdade dos povos africanos e asiáticos e o princípio da coexistência pacífica.

Capítulo 06. A América Latina no Século XX

A colonização espanhola na América foi implantada a partir da formação de três vice-reinos e quatro capitânicas gerais. Porém, a metrópole tentou impor uma unidade a partir da língua, da religião e da estrutura político-administrativa.

Esses elementos, entretanto, não conseguiram representar forças de coesão que garantissem a manutenção da unidade do império espanhol. Corresponderiam, por sua vez, à natureza do sistema colonial – originário do absolutismo monárquico e do mercantilismo – que não levava em consideração as diversas identidades existentes entre os povos nativos e mesmo entre os brancos nascidos na América, conhecidos como *criollos*.

No aspecto econômico, também houve colaboração para desestruturar essa pretensa unidade: o declínio da mineração foi um grande abalo na organização colonial, impulsionando a descentralização econômica.



Enquanto o minério enriquecia uma pequena oligarquia boliviana e algumas empresas norte-americanas, aqueles que trabalhavam mal tinham o que comer. Para tapar a fome, faziam como seus antepassados: mascavam folhas de coca. E continuavam trabalhando.



Dessa forma, quando a crise do sistema colonial abateu-se sobre o continente, vários movimentos de independência foram formados, demonstrando, mais uma vez, as diferenças existentes. A independência fez desaparecer o elo compulsório imposto pela metrópole espanhola, fazendo a derrubada de seu império na América e dando lugar ao surgimento de dezoito países independentes.

Essa fragmentação atendeu aos interesses das oligarquias rurais e aos seus maiores representantes: os caudilhos. Apesar de se dividirem em liberais e conservadores, socialmente eram oriundos da aristocracia rural e tinham no caudilhismo um meio de controlar as massas populares.

Dessa forma, o século XIX foi marcado pelas lutas políticas entre caudilhos, disputando ora o poder regional, ora o poder nacional e, quase sempre, prestando contas ao imperialismo inglês que se fazia presente pelos seus empréstimos espoliadores, aproveitando-se, assim, dessas lutas pessoais em que o povo, em última instância, era quem pagava – com trabalho, com dinheiro e também com a vida.

Com a chegada do século XX, algumas mudanças iriam ocorrer no continente latino-americano. Uma delas seria a troca, em alguns casos, da presença inglesa pela norte-americana. Os Estados Unidos, usando a Doutrina Monroe, passaram a influenciar a política e a economia dos países ao sul do rio Grande, às vezes até usando violência, como na política do *Big Stick*. A primeira vítima dessa política foi a Colômbia, que colocou empecilhos aos planos norte-americanos de construir um canal para ligar os Oceanos Atlântico e Pacífico. Dessa forma, os Estados Unidos insuflaram um movimento de independência na região – Panamá – em que desejavam construir o canal. Em novembro de 1903, o movimento separatista deu início à rebelião contra a Colômbia, enquanto os fuzileiros navais norte-americanos desembarcaram para ajudar os rebeldes, que saíram vitoriosos. Logo após a independência, o novo governo – aliado dos Estados Unidos – arrendou a região do canal perpetuamente.

Porém, no ano 2000, o governo norte-americano concordou em entregar o canal do Panamá.

1. México

1.1. Revolução Mexicana

Os camponeses têm presença marcante na história mexicana desde o processo de independência política (1810). Carregando o estandarte da Virgem de Guadalupe, eles exigiam terras. O maior proprietário rural mexicano era a Igreja.

Durante o governo de **Porfírio Diaz** (1876-1880 / 1884-1911), acelerou-se o processo de concentração fundiária, agravando a situação dos camponeses, que ficaram marginalizados da propriedade.

A pauperização no campo, a perda das terras, a opressão dos grandes proprietários sancionada pelo Estado porfirista, aumentaram as tensões sociais. Nas cidades, também os operários reivindicavam melhores salários e condições de trabalho.

Enquanto isso, no interior da burguesia mexicana, um segmento liberal propunha, à altura de 1908, uma reorganização partidária. Seu líder, o rico proprietário **Francisco Madero**, pede eleições, apoiado na palavra de ordem “sufrágio efetivo e não reeleição”. Mas, **Porfírio Diaz** é reeleito em 1910, em eleições sob clima de terror oficial.

Exilado nos Estados Unidos, **Madero** articula uma insurreição. Em fevereiro de 1911 regressa ao México, e através de ação armada efetiva e derrubada da ditadura porfirista. Em outubro do mesmo ano é eleito presidente do México.

Francisco Madero chega ao poder como resultado: de um levante que logo ganha estatuto de **revolução** pelas forças sociais que mobiliza e pelas suas reivindicações. Entre essas forças, estão os milhões de camponeses, liderados principalmente por **Emiliano Zapata** no sul e **Pancho Villa** no norte. Suas reivindicações estavam explícitas: **terra para os despossuídos**.

Os grandes latifundiários resistem a mudanças. Vacilante, o governo de **Madero** é deposto, com apoio da embaixada dos Estados Unidos. O presidente e o vice são assassinados. Mergulhado em conflito armado, durante toda a década de 1910, o México conta quase 1 milhão de mortos. **Zapata** morre em emboscada em 1919, e **Villa** em 1923, mas a Constituição Mexicana de 1917, considerada a mais avançada e progressista da América Latina, garante a **reforma agrária**, mas que os governos não cumprem.

1.2. Populismo

A partir da década de 1930, o populismo desenvolveu-se em vários países da América Latina com lideranças que lembravam os antigos caudilhos. No México, um expoente do populismo foi Lázaro Cárdenas (1934-1940) que distribuiu terras aos camponeses, expropriou empresas estrangeiras e nacionalizou o petróleo. Foi com ele que surgiu o Partido da Revolução Mexicana, mas tarde transformado em PRI (Partido Revolucionário Institucional) de caráter conservador.

Após o governo populista de Cárdenas, o México apresentou um grande crescimento da classe média urbana, decorrente da industrialização que se desenvolveu nas décadas de 1950 e 1960, provocando reivindicações democráticas, pois o país tinha praticamente um partido político: o PRI (Partido Revolucionário Institucional). Os outros partidos não tinham expressão política. O governo, formado por políticos oriundos do PRI, monopolizava o poder no país.

Mesmo com a oposição crescendo, o PRI conseguiu eleger os presidentes em 1971 e 1976 com Luís Echeverría, e 1977 e 1988, com José Lopez Portillo. Em 1988, foi eleito, também pelo PRI, Carlos Salinas de Gortari, que privatizou a maioria das estatais mexicanas, seguindo a moda do chamado neoliberalismo, que se iniciava naquela época.

Em 1993, o México entrou no NAFTA e no ano seguinte, o país foi sacudido pelo movimento formado, basicamente, por camponeses indígenas no estado de Chiapas, liderado pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional, e chefiado pelo subcomandante Marcos.

O movimento exigia a ampliação da autonomia política e dos direitos sociais dos indígenas e terras.

Depois de vários atritos, alguns armados, com o governo, o movimento continua atuando até os dias de hoje, porém com menos violência e na espera de que o atual presidente coloque um ponto final na situação atendendo reivindicações com os camponeses.



Foto de membros do movimento Zapatista do México, aparecendo, sentado à esquerda na foto, o subcomandante Marcos, líder do movimento.

No ano 2000, o PRI perdeu a sua primeira eleição presidencial: foi eleito Vicente Fox, do PAN (Partido da Ação Nacional), graças à ausência de fraudes das eleições. Porém, o PRI manteve a maioria das cadeiras na Câmara dos Deputados e no Senado.

2. Chile

As oligarquias governaram o Chile até a Primeira Guerra Mundial, que provocou várias transformações no país.

A partir daí, a oposição só cresceu e, com a crise de 1929, a agitação social aumentou ainda mais, chegando ao seu auge com a implantação de uma República Socialista, em 1931, porém, com duração de apenas cem dias. Em 1940, houve uma outra experiência de esquerda com a formação de um governo integrado por comunistas, socialistas e radicais, que realizou diversas reformas trabalhistas, ao mesmo tempo que promoveu um crescimento industrial.

No governo de Jorge Alessandri (1958-1964), houve uma grande penetração do capital internacional no país, mas uma inflação galopante, chegando a 400% ao ano, deteriorou os salários dos trabalhadores. Em 1964, Eduardo Frei foi eleito presidente e conseguiu tirar o Chile da influência norte-americana, passando a ter maiores relações comerciais com países europeus.

Frei realizou uma reforma agrária, indenizando as terras expropriadas. Sua política externa, seguindo a mesma orientação das relações econômicas, rejeitou a orientação norte-americana de hostilizar Cuba. Evidentemente, os Estados Unidos não gostaram dessa atitude chilena e passaram a fazer pressões, principalmente no ambiente econômico. Surtiu efeito. No final do mandato de Eduardo Frei, as dificuldades apareceram: o preço do cobre – principal produto de exportação – despencou no mercado internacional. Isso se refletiu no valor da moeda, gerando um aumento da inflação e do custo de vida.

Se por um lado esse cenário agradava aos Estados Unidos, por outro possibilitou a eleição de Salvador Allende nas eleições presidenciais de 1970. O novo presidente foi eleito graças a uma coligação de partidos de esquerda, revivendo, assim, o ocorrido em 1940.



Salvador Allende, como presidente eleito do Chile, tentou uma transição pacífica para o socialismo. Foi morto pelo golpe militar liderado pelo general Pinochet.

Salvador Allende promoveu grandes mudanças, como, por exemplo, o aprofundamento da reforma agrária, a estatização de várias indústrias, a nacionalização de várias empresas estrangeiras, como a Anaconda e ITT, sem indenização, pois o governo deduziu do que seria pago os lucros exorbitantes que essas empresas obtiveram até o momento da nacionalização.

O troco veio a galope: os capitais sumiram – foram para o exterior –, a burguesia chilena passou a boicotar as iniciativas do governo e as empresas multinacionais que ainda não tinham sido nacionalizadas fecharam as portas, gerando um violento desemprego. Os caminhoneiros, em greve, não transportavam a produção hortifrutigranjeira, provocando escassez de alimentos. Alguns jornalistas e cientistas sociais conseguiram desvendar o mistério da greve dos caminhoneiros: o governo norte-americano, com algumas empresas multinacionais, estava pagando polpudas quantias em dinheiro aos caminhoneiros para que eles ficassem de “papo pro ar”. Ao mesmo tempo em que financiavam a greve dos caminhoneiros, o governo americano e empresas norte-americanas procuravam quem pudesse dar um golpe de Estado e tirar o governo Allende do poder.

Em setembro de 1973, conseguiram achar esse alguém: o general Augusto Pinochet, liderando militares rebeldes, atacou o Palácio de La Moneda, inclusive com bombardeio. Salvador Allende recusou-se a render-se e morreu resistindo ao golpe.

Uma junta militar chefiada pelo general Augusto Pinochet assumiu o poder, dissolveu os partidos políticos, implantou uma férrea censura e perseguição aos opositores. A violência do regime provocou a morte de milhares de pessoas, um outro tanto de desaparecimentos e muitas prisões. Ao mesmo tempo, anulou as mais variadas conquistas trabalhistas, favoreceu os grandes capitais e – veja só – devolveu as empresas nacionalizadas, acompanhadas de pedido de mil desculpas e ainda as indenizou.



O general Augusto Pinochet quando ainda era presidente do Chile. Pinochet influenciou a vida política do país até 1998, como senador.

Em 1981, foi elaborada uma constituição a fim de legalizar o regime militar que permaneceria no poder até 1989, quando, pelo Acordo pela Democracia, houve eleições presidenciais e foi eleito Patricio Aylwin. Porém, devido a um preceito constitucional, Pinochet permaneceu à frente das Forças Armadas até 1998, quando passaria a ocupar uma cadeira no Senado.

Em outubro de 1998, Pinochet foi preso em Londres, atendendo a um pedido da justiça espanhola, que o acusa de crimes contra a humanidade. O governo chileno protestou alegando a imunidade diplomática de Pinochet. A população Chilena se divide entre os pró-Pinochet e os contra Pinochet. Em virtude do seu estado de saúde e da idade avançada, em julho de 2001 o processo foi encerrado.

3. Peru

Após a Segunda Guerra Mundial, durante o governo de Manuel Odria (1950-1956), houve uma intensa penetração de capitais estrangeiros no país, que recebiam vários incentivos e favorecimentos, como, por exemplo, o pagamento de baixos salários aos trabalhadores e impostos baixos. A oposição, representada principalmente pela APRA (Aliança Popular Revolucionária Americana), fundada em 1926 por Victor Raul Haya de la Torre, defendia um programa nacionalista, indigenista – em virtude da grande presença indígena no país – e socialista, e não conseguia crescer por causa das barreiras impostas pelas oligarquias e pelos militares.

Na década de 1960, movimentos de esquerda passaram para a ação guerrilheira, com apoio de camponeses. Entre os militares incumbidos da repressão aos movimentos guerrilheiros, alguns oficiais, sem vínculos com as oligarquias, concluíram que o desenvolvimento econômico-social seria a melhor forma de acabar com as guerrilhas.

O fortalecimento adquirido pelos militares na repressão à guerrilha possibilitou, em 1968, que o general Juan Velasco Alvarado, por meio de um golpe militar, depusesse o presidente Belaunde Terry e assumisse o poder.

Ao contrário do que sucedeu em vários países da América Latina que tiveram regimes militares, no Peru, os militares procuraram aliar-se aos setores populares e implementar um governo nacionalista. O primeiro decreto do novo governo foi mudar o nome do palácio presidencial de Francisco Pizarro para Tupac Amaru. Em seguida, foi nacionalizar várias empresas estrangeiras inclusive a norte-americana International Petroleum Company, sem indenização. Os Estados Unidos não gostaram das atitudes do governo militar peruano e começaram a fazer pressão. Em vista disso, o Peru passou a buscar apoio externo no bloco neutralista, ao mesmo tempo que melhorava suas relações diplomáticas e comerciais com os países socialistas.

No plano interno, o general Juan Velasco Alvarado aprofundava a reforma agrária e

implementava reformas populares e nacionalistas, tendo o SINAMOS (Sistema Nacional de Apoio à Mobilização Social) como órgão de apoio.

Entretanto, as pressões norte-americanas e do empresariado peruano começaram a surtir efeito a partir de 1973, com o aumento da inflação, do desemprego e da diminuição das exportações. Em 1975, o presidente Alvarado foi afastado por militares da ala conservadora das Forças Armadas, que formaram um novo governo, o qual anulou algumas das realizações sociais feitas pelo general Alvarado, ao mesmo tempo em que iniciava a transição para o poder civil. Em 1980, venceu as eleições presidenciais Belaunde Terry, o mesmo que fora deposto em 1968.



Componentes do movimento guerrilheiro Sendero Luminoso, no Peru. As desigualdades econômicas, políticas e sociais existentes na América Latina constituíram-se em fatores preponderantes que levaram setores da sociedade ao radicalismo revolucionário.

No mesmo ano, surgiu o Sendero Luminoso, movimento guerrilheiro de inspiração comunista e tendência maoísta, que passou a atuar em várias regiões do país.

Em 1985 foi eleito Alan Garcia à presidência. Logo após a posse, decretou a moratória da dívida externa. Os Estados Unidos reagiram suspendendo qualquer ajuda ao país. A inflação chegou a 7.600% em 1990, ao mesmo tempo em que o Sendero Luminoso aumentava sua ação terrorista.

Em 1990, foi eleito Alberto Fujimori, que impôs um pacote recessivo e concedeu aos militares amplos poderes na repressão aos senderistas. Em abril de 1992, Fujimori deu um autogolpe: fechou o Congresso e suspendeu as garantias individuais. Em setembro do mesmo ano, o líder do Sendero, Abimael Guzmán, foi preso, julgado e condenado à prisão perpétua.

Em 1993, Fujimori aprovou uma nova Constituição, que permitia a reeleição presidencial e a pena de morte para autores de atos terroristas.

Em 2000, Fujimori conseguiu o registro para a sua candidatura a um terceiro mandato. A oposição, liderada por Alejandro Toledo – de origem indígena – não conseguiu derrotar Fujimori, em virtude das fraudes ocorridas nas eleições. Em setembro, um escândalo veio a público através de um vídeo: o assessor de inteligência do governo, Vladimiro Montesinos, subornou um deputado opositor para que mudasse para o lado da situação. Em seguida, outros componentes foram descobertos, como narcotráfico, lavagem de dinheiro e contas bancárias na Suíça.

A situação ficou cada vez mais insustentável para Fujimori que, numa viagem à Ásia, em novembro de 2000, resolveu, em Tóquio, renunciar à presidência do Peru. A justiça peruana tentou enquadrar Fujimori como responsável por crimes contra a humanidade, mas o Japão afirmou que suas leis não permitem a extradição de cidadãos nacionais – Fujimori, surpreendentemente, tem nacionalidade japonesa.

4. Cuba

De todas as repúblicas latino-americanas, Cuba foi a que conheceu a dominação colonial européia mais prolongada. Liderado por **José Martí**, o movimento libertador de Cuba foi favorecido pela guerra dos Estados Unidos com a Espanha.

A guerra hispano-americana terminou em 1898. A Espanha renunciou à posse de antigas colônias: Filipinas, Porto Rico, Cuba. Os espanhóis deixaram Cuba, mas os Estados

Unidos logo nomearam o general **Leonard Wood** governador militar da ilha.

Por decreto, em 1900, Wood convocou uma Assembléia Constituinte para redigir uma Constituição para o país que estava nascendo. Entre outras medidas, os Estados Unidos fizeram constar na Constituição os termos da “**Emenda Platt**”, sobrenome de um senador norte-americano, e que estabelecia tutela econômica e militar. Sobre esse domínio, dizia o general Wood: “Com o controle que temos sobre Cuba, em breve controlaremos o comércio do açúcar no mundo. A ilha se norte-americanizará gradualmente...”

Um tratado assinado em 1903, concedia aos Estados Unidos, a região de **Guantánamo**, para a instalação de uma base aeronaval. Quanto aos interesses econômicos, eles não se limitaram à indústria açucareira. O lema de “americanizar Cuba” determinou também grandes investimentos nos negócios de tabaco, no setor de transportes, na geração de energia, atingindo o próprio sistema bancário.

Por outro lado, já sob a presidência de **Theodore Roosevelt** (1901/1909), os Estados Unidos consolidariam a **big stick policy**, a política do grande porrete, com a qual se arrogavam o poder de polícia do continente, intervindo política e militarmente nos negócios internos dos países latino-americanos.

Toda essa política de dominação territorial e/ou econômica exercida pelas potências européias e pelos Estados Unidos, na virada do século XIX para o século XX, recebeu o nome de **imperialismo**.

Em meados da década de 1950, sob a ditadura de Fulgêncio Batista, Cuba era conhecida como uma espécie de “cassino e boate das Antilhas”. A prostituição e o jogo tinham números assustadores: 11.500 prostitutas e 27.000 agentes de jogo, ao passo que os trabalhadores das minas cubanas não atingiam sequer a cifra de 10.000. Os protestos pela situação de 600.000 desempregados e dos 100.000 agricultores miseráveis que pagavam renda aos grandes proprietários, eram, por outro lado, brutalmente reprimidos pela ditadura de Batista, responsável por cerca de 20.000 mortes.



O **Movimento 26 de Julho** (dia do ataque à guarnição militar de Moncada, em 1953), - teve entre seus líderes o advogado **Fidel Castro** e o médico argentino **Ernesto “Che” Guevara**.

Defendia, inicialmente, uma proposta **democrático-radical** de reformas; nada que se parecesse com uma **revolução proletária** ou **socialista**.

Em novembro de 1956, vindos do México, **Fidel** e seu grupo desembarcaram em Cuba e instalaram a base da guerrilha na **Sierra Maestra**. Em outubro de 1958, iniciou-se a marcha sobre Havana. Batista e seu governo fugiram. O Governo Revolucionário, liderado por **Fidel Castro**, apresentou o seu programa, de **caráter popular, nacionalista** e, portanto, **antiimperialista**.

As primeiras medidas tomadas pelo Governo Revolucionário de Cuba, mostravam intenções **reformistas** e **antiimperialistas**. Tanto **Fidel** quanto **Guevara** - principais integrantes do governo - não tinham qualquer compromisso com os partidos comunistas que atuavam sob a liderança da União Soviética.

As reformas incluíam: nacionalização das empresas de serviço público e da indústria do petróleo; reorganização dos programas de educação e saúde públicas; eliminação dos latifúndios mediante a reforma agrária; expropriação de propriedades norte-americanas, entre elas a poderosa **United Fruit Company**.

Os Estados Unidos reagiram, cortando inicialmente a importação do açúcar cubano. Suspenderam também, através das empresas **Texaco, Shell** e **Esso**, o fornecimento de petróleo para Cuba. O governo cubano foi, então, obrigado a comprar o produto da União Soviética.

Uma tentativa de contra-revolução para derrubar **Fidel**, em 1961, se organizou nos Estados Unidos, com a participação da Agência Central de Inteligência (CIA), mais exilados cubanos e mercenários. Com o apoio logístico da Força Aérea norte-americana, os contra-revolucionários desembarcaram na Baía dos Porcos, onde foram batidos pelas milícias fiéis à Fidel Castro.

Tendo já anunciado o **objetivo socialista** da revolução, **Fidel** iniciou o alinhamento com o bloco soviético. Em 1962, Cuba foi expulsa da Organização dos Estados Americanos (OEA), dominada pelos Estados Unidos. Ao longo da década, por influência dos Estados Unidos, todos os países latino-americanos, com exceção do Chile e do México, foram rompendo relações com Cuba, isolando-a no continente.

A atual constituição cubana data de 1975, e define assim o regime: “A República de Cuba é um estado socialista de operários, camponeses e demais trabalhadores e intelectuais”.

5. Nicarágua

No final dos anos 1970, movimentos populares abalaram a supremacia norte-americana na América Central, destacando-se a Revolução Sandinista de 1979, na Nicarágua.

A denominação Sandinista decorre do líder camponês Augusto César Sandino que empreendeu um movimento revolucionário na década de 1930, com o objetivo de expulsar as empresas norte-americanas e os fuzileiros navais que davam segurança e proteção a eles. Em 1937, Sandino foi assassinado por Anastácio Somoza que, em seguida assumiu o poder como testa-de-ferro dos interesses norte-americanos.

Em 1961, foi fundada a FSLN (Frente Sandinista da Libertação Nacional) como oposição armada à ditadura de Somoza, filho de Anastácio Somoza. O movimento saiu vitorioso e, no poder, nacionalizou as terras e propriedades intelectuais dos Somoza – correspondiam a cerca de 40% da economia do país – substituiu a Guarda Nacional pelo Exército Popular Sandinista, implementou uma campanha de alfabetização e tentou reconstruir a economia devastada pela guerra.

Porém, os Estados Unidos passaram a colaborar, com dinheiro e armas, com a oposição ao novo governo, composta pela burguesia, latifundiários e ex-integrantes da famigerada Guarda Nacional. A oposição passou a ser chamada de “os contra”.

A FSLN se desgastou, apresentando, inclusive, divisões políticas entre seus membros, facilitando assim, a vitória da oposição em eleições que possibilitaram o seu retorno ao poder.

Exercícios Resolvidos

01. (Vunesp) *Para grande parte da América Latina, o período que começa em 1944, 1945 ou 1946 (dependendo do país em questão) (...) caracterizou-se por três fenômenos distintos, mas inter-relacionados: democratização, tendência à esquerda e militância trabalhista.*

Leslie Bethell e Ian Roxborough (org). *A América Latina*

O principal fator externo responsável por essa nova situação foi a:

- ação norte-americana, através do “corolário Roosevelt”.
- ação dos países componentes do Eixo.
- ação da doutrina americana do “Destino Manifesto”.
- militância das esquerdas latino-americanas.
- vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial.

Resposta: E

02. (Unicamp-SP) No primeiro dia de janeiro de 1994 teve início em Chiapas, no México, uma rebelião liderada pela Frente Zapatista de Libertação Nacional. A Frente Zapatista exigia mudanças na distribuição da terra e dos benefícios sociais para a população camponesa e indígena da região.

Os rebeldes se autodenominavam “zapatistas”, fazendo clara referência a Emiliano Zapata, um líder da Revolução Mexicana que, o início do século XX, parecia ser a única esperança para os camponeses do sul do país.

- Explique quais foram os objetivos da revolução liderada por Emiliano Zapata.
- Por que a Frente Zapatista utilizou a imagem deste revolucionário?

Resposta

a) Promover uma reforma agrária radical e devolver às comunidades indígenas suas terras.

b) Porque ele representa essa luta pela questão agrária.

03. (UFES) *Tal como o candidato tinha previsto, os socialistas, aliados com o resto dos partidos da esquerda, ganharam as eleições presidenciais. O dia da votação decorreu sem incidentes numa luminosa manhã de setembro (...). Das povoações vizinhas e dos bairros operários saíram para a rua famílias inteiras, pais, filhos, avós, com sua roupa domingueira, caminhando alegremente na direção do centro (...). O alarido das vozes e o baile da rua transformou-se numa alegre e disciplinada comitiva que começou a avançar até as belas avenidas da burguesia. E, então, viu-se o espetáculo inédito de gente do povo, homens com os sapatos da fábrica, mulheres com os filhos nos braços, estudantes em mangas de camisa, passeando tranqüilamente pela zona reservada e preciosa onde muito poucas vezes se tinham aventurado e onde eram estrangeiros.*

Allende, I. *A casa dos espíritos.*

A passagem anterior, extraída do romance da escritora chilena Isabel Allende, recentemente adaptado para o cinema, nos informa sobre as comemorações populares que cercaram a vitória do candidato da Unidade Popular, Salvador Allende, nas eleições presidenciais de 1970.

A respeito do assunto em questão, explique o significado de uma medida adotada por Salvador Allende na execução do seu projeto de governo.

Resposta

A nacionalização das empresas norte-americanas que atuavam na extração do cobre provocou a imediata reação dos setores conservadores da sociedade e dos Estados Unidos, culminando com o Golpe de 11 de Setembro, que depôs e assassinou o presidente Salvador Allende, instalando a ditadura comandada por Augusto Pinochet.

As propostas da Unidade Popular de transformações radicais nas estruturas socioeconômicas contrariavam a minoria privilegiada e ligada ao capital norte-americano, bem como as imposições imperialistas dos Estados Unidos sobre a América Latina.

04. O ataque à guarnição de Moncada, em 26 de julho de 1953, foi o início do processo conhecido como “Revolução Cubana”. Em 1956, quando Fidel Castro e seu grupo desembarcaram em Cuba, instalaram a guerrilha em Sierra Maestra, e em 1958 a marcha sobre Havana tomou o poder.

Sobre o governo Revolucionário, discuta seus programas e medidas.

Resposta

As características do programa eram: caráter popular, nacionalista e antiimperialista. De acordo com as definições prévias, as reformas tiveram formas antiimperialistas, com a nacionalização de empresas de serviço público e da indústria do petróleo, reorga-

nização da educação e saúde, reforma agrária e expropriação das propriedades norte-americanas.

05. A Frente Sandinista de Libertação Nacional, fundada em 1961, fez parte dos movimentos populares que abalaram a supremacia norte-americana na América Central no fim dos anos 70.

Qual a atitude dos Estados Unidos diante desse processo?

Resposta

Colaborar com dinheiro e armas como oposição ao novo governo, com o objetivo de ascender a burguesia, latifundiários e ex-integrantes da guarda nacional como oposições, que ficaram conhecidas como “os contra”.

Capítulo 07. Oriente Médio

O Oriente Médio continua a ser uma das regiões mais instáveis do mundo. Isso é decorrente de um conjunto de fatores que vão desde a contestação das fronteiras traçadas pelo neo-colonialismo ou imperialismo franco-britânico, até mais recentemente, à proclamação do Estado de Israel na Palestina (1948), o que provocou de imediato uma primeira guerra árabe-israelense. Israel conseguiu repelir o ataque, desferido pelos países árabes limítrofes. Mais três guerras seguiram-se ao longo das décadas de 1950 a 1970, transformando o Oriente Médio numa região explosiva e, por isso, cenário de guerras e revoltas constantes.



1. O Conflito Árabe – Judeu

O Holocausto nazista contra os judeus na Segunda Guerra Mundial fortaleceu o movimento pela criação do Estado de Israel. Muitos judeus migraram para a Palestina entre as décadas de 1930/40, e Israel foi criado pela ONU em 1948, juntamente com o Estado Palestino, através da divisão da Palestina em dois territórios.

O líder judeu David Ben Gurion declarou a independência de Israel. A liga árabe recusou a partilha da Palestina decidida pela

ONU. Egito, Iraque, Líbano, Síria e Transjordânia atacaram Israel, que venceu o que chamou de Guerra de Independência e ampliou seu território (1948-49).

Em meados dos anos 50 ocorreu a Guerra de Suez (1956). A principal causa deste conflito foi a nacionalização do canal de Suez por parte do Egito. Israel, preocupado com a perda de Eilat, no golfo de Ácaba, aliou-se à França e Inglaterra e desfechou um ataque contra o Egito. A guerra terminou com a intervenção da ONU e o Egito manteve o controle sobre o canal.



Ao longo da década de 60, a tensão continuou e intensificou-se. Foi fundada a Organização pela Libertação da Palestina (OLP). Em 1964, a ONU reconheceu-a como a única representante legítima do povo palestino. No ano de 1967 eclodiu a chamada Guerra dos Seis dias. Os quase dez anos entre a crise de Suez e a Guerra dos Seis Dias não foram de paz. A violência na região aumentava com a política de repressão de Israel e os ataques de organizações guerrilheiras palestinas reunidas sob o comando da OLP. A URSS apoiava as forças armadas sírias e egípcias, contrabalançando o apoio dos EUA a Israel. A unidade árabe começava a se estabelecer nessa conjuntura de resistência e Guerra Fria. O Egito decidiu fechar a entrada do Golfo de Ácaba aos navios israelenses e ordenou que as tropas da ONU estacionadas no Sinai abandonassem o território. Sentindo-se ameaçado, Israel antecipou-se, fez um ataque relâmpago aos países fronteiriços, e, em apenas sete dias ganhou a guerra. Israel ampliou seus domínios territoriais em quase dezoito vezes, incorporando a península do Sinai, a Faixa de Gaza (pertencentes ao Egito), a Cisjordânia, o setor oriental de Jerusalém (da Jordânia) e as colinas de Golã (pertencentes à Síria). Ao longo do ano de 1967, surgiram duas novas organizações palestinas: a Frente Popular de Libertação da Palestina e a Frente de Luta Popular da Palestina.

A década de 70 foi marcada pela intensificação da violência através dos ataques terroristas. Em 1972, um grupo palestino matou onze membros da delegação de Israel nos jogos olímpicos de Munique, Alemanha. Israel vingou-se matando vários líderes palestinos aparentemente ligados com os assassinatos em Munique. No ano de 1973, a tensão provocou novos conflitos na região. Desde a ocupação dos territórios árabes, em 1967, Israel vinha sendo advertido pela ONU por meio de resoluções aprovadas pela maioria dos países do mundo, as quais estabeleciam a devolução daqueles territórios a seus donos, mas Israel ignorava todas as advertências. Sua

política consistia em estimular a colonização desses territórios por judeus. Egito e Síria atacaram Israel de surpresa no dia 6 de outubro de 1973, exatamente no *Yom Kippur*, o dia do perdão dos judeus.

A Síria avançou pelas colinas de Golã e o Egito atacou ao longo do canal de Suez. Israel contra-atacou, bombardeou Damasco, a capital da Síria, e obrigou os egípcios a recuarem no Sinai. EUA e URSS impuseram um cessar-fogo, que praticamente restabeleceu as fronteiras vigentes ao final da Guerra dos Seis Dias. Em 1974, dez anos depois do reconhecimento da ONU, os países árabes admitiram que a OLP era a única representante dos palestinos. Nesse mesmo ano, terroristas palestinos mataram vinte e seis pessoas (crianças, na maioria) numa escola de Maalot. No ano seguinte, militantes da organização terrorista Fatah ocuparam o hotel Savoy em Tel-Aviv, capital de Israel, matando onze pessoas. Em setembro de 1978, depois de anos de guerra, terror e negociações, foi assinado o acordo de Camp David, nos Estados Unidos, que selou o compromisso de devolver a península do Sinai ao Egito. Em 26 de março de 1979, Egito e Israel assinaram um tratado de paz em Washington, na Casa Branca, o primeiro entre judeus e árabes. A Síria e a Jordânia, ausentes do tratado, acusaram o Egito de traição da causa árabe. O tratado voltou a dividir os países árabes. Israel passou a adotar uma política de anexação dos territórios ocupados, redefinindo suas fronteiras e desrespeitando as resoluções da ONU.

Ao longo da década de 80, a política expansionista israelense gerou mais instabilidade e reações terroristas. Em 1980, o parlamento israelense aprovou a anexação de Jerusalém e, no ano seguinte, a anexação das colinas de Golã.

Em 1982, Israel devolveu o Sinai ao Egito, mas por outro lado, invadiu o Líbano. Em Beirute, a OLP foi cercada e obrigada a sair do país. Milícias cristãs libanesas, apoiadas por Israel, massacraram perto de seiscentos refugiados palestinos nos campos de Sabra e

Chatila. No final dos anos 80, as principais facções do movimento palestino de resistência (guerrilheiros) reunificaram-se, submetendo-se à OLP. Em dezembro de 1987, teve início a Intifada, o maior movimento popular, até então, de repúdio à ocupação israelense em Gaza e na Cisjordânia. Assim foi fundado o Hamas, movimento de resistência islâmica que seria o maior adversário entre os palestinos, do processo de paz e devolução dos territórios ocupados por Israel. Em 1988, o levante palestino nos territórios ocupados, cuja liderança a OLP logo assumiu, tomou maior vulto. No final desse mesmo ano, o Conselho Nacional Palestino proclamou o Estado palestino e, pouco depois, o líder da OLP, Yasser Arafat, reconheceu o Estado de Israel.

No início dos anos 90, o Iraque invadiu o Kuwait, provocando manifestações contrárias no mundo todo, e ampliando a tensão no Oriente Médio. Em janeiro de 1990, começou a Guerra do Golfo. OLP e Jordânia apoiaram o Iraque do ditador Saddam Hussein. No final do mesmo ano, teve início a conferência de paz para o Oriente Médio que abriu um caminho para acordos diplomáticos a fim de solucionar os problemas da região.

Em 1993, Israel e OLP deram um passo na direção da paz, assinando o acordo de reconhecimento mútuo.

Em maio de 1994, um novo acordo entre israelenses e palestinos estabeleceu a autonomia da Palestina sobre a faixa de Gaza e a área de Jericó. O dirigente palestino, Yasser Arafat, o primeiro-ministro Yizhak Rabin e o ministro do exterior Shimon Perez, de Israel, receberam o prêmio Nobel da Paz. Jordânia e Israel assinaram um tratado de paz.

Em setembro de 1995, Rabin e Arafat, assinaram um acordo que restabelecia a eleição de um conselho legislativo e a retirada israelense das maiores cidades palestinas nos territórios ocupados. Em 4 de novembro, Rabin foi assassinado por um extremista judeu, colocando em risco o processo de paz no Oriente Médio. Shimon Perez assumiu o cargo de

primeiro-ministro e em meio a atentados de ambas as partes comprometeu-se a dar procedimento às negociações com a recém-criada Autoridade Nacional Palestina, presidida por Yasser Arafat. Entretanto, as eleições de 1996 deram a vitória apertada ao candidato do *Likud* (partido de direita reticente aos acordos de paz) Benyamin Netanyahu. Desde então, o processo de paz encontrou mais dificuldades, apesar das pressões internacionais contra a intransigência do novo governo israelense e sua política, de novas colônias judaicas em territórios árabes ocupados.

2. O Líbano e a Guerra Civil

O Líbano tornou-se independente da França logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, no contexto da descolonização afro-asiática. Ao longo dos anos 60, foi administrado por um governo dividido entre cristãos e muçulmanos. Com a expulsão dos palestinos da Jordânia em 1970, muitos deles fixaram-se no território libanês. A presença deles rompeu o equilíbrio, levando o país à Guerra Civil a partir de 1975.

Em 1976, a Síria interveio na guerra e, em 1982, Israel invadiu o Líbano com o objetivo de expulsar os palestinos e enfrentar a Síria. Em 1990, a Síria consolidou sua influência sobre o Líbano e a luta cessou. Porém, o clima de tensão na fronteira libanesa e nas relações sírio-israelenses perduram até hoje.

3. Do Irã dos Aiatolás à Guerra do Golfo

O aiatolá Khomeini assumiu o poder no Irã (antiga Pérsia) em 1979, depois de uma revolução que destronou o xá Reza Pahlevi, aliado histórico dos EUA. A chamada Revolução Islâmica instalou um regime fundamentalista que contou, no contexto da Guerra Fria, com o apoio da URSS. Khomeini estimulou o terrorismo e a Jihad (Guerra Santa) contra os opositores do Islamismo, principalmente os EUA.



No início da década de 80, o Oriente Médio também foi abalado pela Guerra Irã-Iraque (1980-88). O Iraque, perdendo o controle de navegação no canal de Chatt Al-Arab, principal escoadouro de sua produção petrolífera, e sentindo-se ameaçado pela Revolução Islâmica no Irã, invadiu o Irã em setembro de 1988. A guerra teve várias reviravoltas, inclusive com a utilização de armas químicas, fazendo mais de um milhão de mortos, seiscentos mil só de iranianos, deixando os países destruídos e economicamente falidos. Em 1988, foi assinado um cessar-fogo. No final dos anos 90, os moderados venceram as eleições no Irã, diminuindo o radicalismo conservador dos aiatolás.

O clima na região continuou explosivo e, em agosto de 1990, as tropas iraquianas invadiram, ocuparam e anexaram o Kuwait, dando origem ao conflito conhecido como Guerra do Golfo. Esse fato provocou a intervenção internacional com o aval do Conselho de Segurança da ONU e a derrota do Iraque que ainda mais tarde teve que aceitar a criação de zonas de exclusão aéreas.

Por tudo isso, o Oriente Médio ainda contribui bastante para a instabilidade da conjuntura mundial.

Exercícios Resolvidos

01. Aponte duas conseqüências da Guerra dos Seis Dias (1967) que contribuíram para agravar o conflito árabe-israelense no contexto da crise do Oriente Médio.

Resposta

A ocupação por Israel de territórios árabes (Gaza, Golã, Sinai e Cisjordânia) e um novo êxodo de população palestina dos territórios ocupados.

02. Analise sinteticamente os principais fatores da Guerra do Líbano.

Resposta

Tensões político-religiosas entre cristãos e muçulmanos, fixação de refugiados palestinos no sul do país e intervenção das superpotências.

03. Explique, em linhas gerais, o que é a OLP.

Resposta

A OLP (Organização pela Libertação da Palestina) foi criada em 1964 pelos diferentes grupos palestinos de resistência, com o objetivo de destruir o Estado de Israel e fundar um Estado palestino.

Capítulo 08. A Crise do Socialismo Autoritário e a Nova Ordem Mundial

1. O Fim da URSS

Ao longo dos anos 80, o socialismo autoritário do bloco soviético dava sinais de fadiga e crise estrutural. Até mesmo no interior do bloco socialista as críticas foram cada vez mais contundentes, contudo foi em 1985, com a ascensão de Mikhail Gorbatchov ao poder da URSS, que a abertura do regime se tornou irreversível, levando o sistema que fez contrapor ao capitalismo durante grande parte do século XX.

Os principais fatores conjunturais e estruturais da crise soviética foram:

- I. O desenvolvimento capitalista da Terceira Revolução Industrial, liderando a produtividade em todos os setores.
- II. A corrida armamentista, obrigando a URSS a continuados gastos para preservar seu *status* de superpotência bélica e espacial.
- III. As pressões internacionais pela liberalização política da URSS e seus satélites e, no plano ideológico, as cobranças pelos limites alcançados no bem-estar social quando comparado com o padrão médio das sociedades capitalistas desenvolvidas por exemplo, EUA / Europa Ocidental.
- IV. A burocracia que impedia as inovações tecnológicas, a livre iniciativa e a liberdade de expressão.
- V. O centralismo político-econômico, fruto do estado monolítico e burocrático, que imprimia lentidão na tomada de decisões e implementação produtiva, contrastando com o dinamismo e agilidade dos países capitalistas fundados nos princípios liberais.
- VI. Os elevados gastos exigidos pela Guerra Fria, seja na indústria bélica, seja para garantir estados satélites e grupos políticos pró-URSS.
- VII. A limitada produtividade e baixa qualidade dos bens de consumo soviéticos diante das crescentes exigências da sociedade soviética e dos seus aliados, por exemplo, a Europa Oriental.

2. A Perestroika e a *Glasnost*

Em 1985, com a morte de Konstantin Tchernenko, Mikhail Gorbatchov assumiu a secretaria-geral do partido. Começava a ser implementado um amplo plano de reformas na URSS, com a Perestroika – reconstrução da economia e a *Glasnost* – transparência na política. As primeiras evidências dessas reformas foram, dentre outras: a diminuição da censura, anistia e libertação dos dissidentes políticos e medidas liberalizantes em vários setores da vida e sociedade soviética. Gorbatchov surpreendeu o mundo quando de forma unilateral comprometeu-se a suspender os testes nucleares subterrâneos.

Em fevereiro de 1986, durante o XXVII Congresso dos PCUS, lançou as linhas gerais de seu plano de reformas para a URSS. Em 26 de Abril, o acidente nuclear de Chernobyl (Ucrânia) liberou uma imensa nuvem radioativa que ameaçava contaminar regiões importantes da URSS e Europa. O acidente foi tratado com transparência singular sem precedentes na história da URSS. Seria a primeira grande prova da *glasnost*. Nesse mesmo ano, Gorbatchov telefonou, pessoalmente, ao físico A. Sakharov, preso na cidade de Gorki, para comunicar sua libertação.

Em 1987, surgem, na cúpula do PCUS, as primeiras controvérsias sobre os caminhos, ritmos e prazos da perestroika. Em uma sessão plenária do comitê central do PCUS, em novembro, Boris Yeltsin fez pesadas críticas aos burocratas do partido, em particular a Igor Ligatchov e pediu mais agilidade e profundidade nas reformas. Nos meses seguintes, Yeltsin perderia seus cargos de chefe do comitê municipal do PCUS em Moscou e de membro-candidato ao politburo.

Em uma atmosfera de liberdade de discussão, realizou-se, em junho/julho de 1988, a XIX Conferência do PCUS. As decisões tomadas evidenciaram a necessidade de ser construído um “Estado de direito” no país. Nessa nova arquitetura



tura, foi feita a desburocratização do partido e do Estado para a implementação do “pluralismo socialista”, isto é, o livre debate, mas somente entre os membros do PCUS e uma urgente democratização das relações étnicas dentro da URSS. Em agosto, o exército soviético iniciou sua retirada do Afeganistão num clima de derrota e frustração por não ter conseguido atingir seus objetivos. A saída das tropas seria completada em fevereiro de 1989, após uma década de guerra, que causou pelo menos 15 mil baixas entre os soviéticos e 1 milhão entre os afegãos.

Na Estônia, um movimento ecológico constituiu-se no estopim para o surgimento da “Frente Popular” (organização nacionalista); que estimularia movimentos semelhantes na Letônia e na Lituânia, difundindo-se, rapidamente pela Armênia, Geórgia e Azerbaijão (Cáucaso) e, posteriormente, nas demais repúblicas soviéticas.

A Igreja Ortodoxa obteve permissão para celebrar o milésimo aniversário de sua fundação na Rússia, com festas e comemorações na capital Moscou e em várias regiões do país.

Os costumes começaram a sofrer importantes modificações, com a permissão de grandes shows de *rock*, concursos de beleza e maior transparência informativa. Temas até então tabus ou proibidos, como a prostituição e as drogas, passaram a ser debatidos pela mídia.

Na Polônia, o sindicato Solidariedade conquistou a legalidade, colocando termo à Lei Marcial decretada em dezembro de 1981.

Em março de 1989, foram realizadas as eleições para o CDP (Congresso dos Deputados do Povo). Participaram e foram eleitos antigos dissidentes, como A. Sakharov e Roy Medvedev. Nesse pleito, B. Yeltsin obteve 90% dos votos na capital Moscou. Em 25 de maio, foi realizada a primeira sessão do CDP, atraindo as atenções do país. Um deputado pediu o desmantelamento da KGB diante das câmeras de televisão.

M. Gorbachov foi eleito presidente, e B. Yeltsin formou um bloco parlamentar de oposição. Nessa conjuntura, desenvolveu-se um processo irreversível de liberdade política.

Em maio, M. Gorbachov viajou à China, para reatar as relações rompidas desde 1960 (Cisma sino-soviético). Em Pequim, Gorbachov mostrou-se simpático ao movimento dos estudantes chineses pela democracia. Em junho, o governo chinês ordenou o massacre de 2 mil estudantes que protestavam pela democracia, acampados na praça da Paz Celestial (“Massacre da Paz Celestial”). Em setembro, o Vietnã retirou-se do Camboja, resultado do acordo celebrado entre Deng Xiaoping e M. Gorbachov. A URSS reduziu vertiginosamente seus efetivos militares estacionados ao longo dos 7.500 quilômetros da fronteira com a China.

Em outubro, uma visita de Gorbachov a Berlim Oriental estimulou, como já havia acontecido antes em Pequim, grandes manifestações de protesto contra o regime ditatorial de Erich Honecker, dirigente comunista da Alemanha Oriental. Em 9 de novembro, as manifestações assumiram caráter irreversível, levando à queda de um dos maiores símbolos da Guerra Fria: “o muro de Berlim”. A partir de então, com o consentimento de Moscou, todos os regimes burocráticos do Leste Europeu foram ruindo em cadeia, por exemplo a Romênia – Nicolae Ceausescu.

Em dezembro do histórico ano de 1989, Gorbachov reuniu-se, sucessivamente, com o papa João Paulo II (Vaticano), com o presidente norte-americano George Bush (em Malta-Mediterrâneo) e com o presidente francês François Mitterrand (em Kiev). Estava nascendo uma “Nova Ordem” Mundial.

Ao longo do ano de 1990, importantes mudanças atingiram a URSS e seus antigos satélites na Europa Oriental. Foi dissolvido o Comecon. Piorou a situação econômica, social e política da URSS. Os movimentos emancipacionistas envolveram todas as repúblicas do Báltico, Ucrânia, Belarus, Moldávia e Geórgia.

Em março, o CDP revogou o artigo 6º da Constituição, que legitimava a ditadura do Partido Único Soviético. Os burocratas e generais “linha-dura” intensificaram seus ataques a Gorbachov que, no XXVIII Congresso do PCUS, em julho, foi acusado de ter “capitulado sem combate” diante do imperialismo ocidental, ao

ter “abandonado” o Leste Europeu. Gorbachov aproveitou o Congresso, para estabelecer um acordo com os “centristas”, manobra essa que isolou momentaneamente a “esquerda” (B. Yeltsin – reformistas) e a “direita” (Ligatchov – burocratas). Yeltsin, recém-eleito presidente da Rússia, rompeu com o PCUS, seguido por vários reformistas importantes.

Em setembro, Gorbachov firmou um acordo que permitia a “reunificação da Alemanha”, concluída em outubro de 1990. Realizou-se em novembro, na França (Paris), a Conferência para a Segurança e Cooperação Européia (CSCE), que discutiu os princípios de uma casa comum européia, nas palavras de Gorbachov uma “Europa unida do Atlântico ao Pacífico”. Gorbachov também alertou para o perigo de uma “libanização européia”, isto é, a fragmentação de Estados sob o impacto de problemas étnicos e nacionais, como os vividos pela URSS.

O chanceler soviético Eduard Shevardnadze renunciou ao cargo (dezembro) e denunciou uma “marcha da ditadura” na URSS.

Nessa conjuntura, começaram a ganhar força movimentos separatistas na Croácia, na Eslovênia (duas das seis repúblicas da Iugoslávia) e na Tchecoslováquia.

Em 1991, as transformações foram cada vez mais intensas. Em abril, foi dissolvido o “Pacto de Varsóvia” e, em maio, Boris Yeltsin foi eleito

presidente da Rússia em eleições diretas e secretas. Gorbachov afastou-se dos ortodoxos e se dispôs a firmar o “Tratado da União”, que concedia ampla autonomia a todas as repúblicas da URSS. Contudo, um dia antes da entrada em vigor do “Tratado da União”, setores ortodoxos do PCUS, que não apoiavam as concessões e os princípios da *glasnost*, organizaram um golpe de Estado e afastaram Gorbachov, que estava em férias na Criméia. Boris Yeltsin, apoiado por milhares de manifestantes nas ruas e praças de Moscou, resistiu e levou o golpe ao fracasso. Gorbachov dissolveu PCUS e o Parlamento Soviético declarou o partido suspenso por tempo indeterminado.

Em setembro, a URSS foi dissolvida e Boris Yeltsin, pelo Tratado de Minsk, propôs a criação da CEI – Comunidade de Estados Independentes.

Em dezembro, o Parlamento Soviético foi dissolvido e Gorbachov renunciou à presidência. Depois de sete décadas, a URSS deixou oficialmente de existir.

A partir de 1992, Boris Yeltsin intensificou o processo de desestatização da economia. Todavia, a transição para a economia de mercado não acarretou os benefícios esperados. Ao contrário, gerou crises e instabilidade, provocando inflação, recessão, marginalização e exclusão social e decorrente aumento da criminalidade (exemplo, a máfia russa).



Fonte: José William Vesentini, *O ensino da Geografia e as mudanças recentes no espaço geográfico mundial*.



3. O Bloco Socialista do Leste Europeu

Com a perestroika e a *glasnost*, os problemas internos da URSS vieram à tona, bem como as contradições do socialismo no Leste Europeu. O efeito dominó atingiu da Polônia à Iugoslávia, onde o bloco foi rapidamente desmoronando entre 1990 e 1992.

Seis anos antes da *glasnost*, greves operárias fizeram o governo polonês permitir os sindicatos livres. Surgiu assim o “Solidariedade”, liderado por Lech Walesa. Confrontos entre o Solidariedade e o governo polonês levaram Walesa à prisão em 1981. O sindicato foi posto na ilegalidade, voltando à cena política em 1989, quando venceu as eleições parlamentares. Em 1990, Walesa foi eleito Presidente da República.

Na Hungria, ao longo dos anos 80, permitiu-se o funcionamento de empresas privadas (1981) e terminou o monopólio do poder comunista (1989).

Em 1989, uma greve geral pôs fim ao poder do Partido Comunista da Tchecoslováquia e Václav Havel tornou-se Presidente da República. No início dos anos 90, de forma pacífica, o país dividiu-se, nascendo a República Tcheca e a Eslováquia (1993).

Ao longo dos anos 80, as reformas se intensificaram na Bulgária, com a expulsão dos políticos corruptos do partido comunista. Em 1990, o governo foi deposto.

Na Romênia, a violência marcou o fim do poder comunista. Em 1989, Nicolae Ceausescu ordenou a repressão ao movimento que lutava pela democracia, porém, o conjunto das Forças Armadas aderiu ao movimento contrariando o ditador. Nicolae Ceausescu e sua família tentaram fugir do país, mas foram detidos e executados.

Na Alemanha Oriental, os governantes rejeitaram as reformas soviéticas propostas por Gorbachev. Porém, com a abertura da fronteira entre Hungria e Áustria, milhares de ale-

mães orientais começaram a fugir para o lado ocidental por esse caminho. Começaram as manifestações contra o governo. O líder Erich Honecker foi destituído do poder em 1989 e, no mesmo ano, o novo governo derrubou um grande ícone da Guerra Fria: o muro de Berlim.

A partir da Primeira Guerra, a Iugoslávia representava o conjunto de seis repúblicas: Croácia, Eslovênia-Sérvia, Bósnia-Herzegovina, Macedônia e Montenegro. O país era compartilhado ainda por outras minorias étnicas e de diferentes religiões. Até a morte do marechal Tito (1988), as diferenças foram conciliadas através de um rodízio no poder. Em 1991, os sérvios se opuseram a que um croata assumisse a presidência. Tal fato levou a Croácia e a Eslovênia a romperem com a Iugoslávia, dando início à guerra civil. Em 1992, Macedônia e Bósnia-Herzegovina também declararam-se independentes. Dessa forma, a Iugoslávia unia apenas a Sérvia e Montenegro. Os conflitos mais intensos ocorreram na Bósnia-Herzegovina, dividida entre bósnios muçulmanos e sérvios cristãos ortodoxos. Os sérvios dessa república desejavam manter-se unidos à Sérvia e não aceitaram o governo independente.

No final de 1995, um acordo estabeleceu a paz e a divisão do território da Bósnia-Herzegovina entre sérvios e muçulmanos. Contudo, o clima de tensão perduraria ao longo dos anos 90.

Exercícios Resolvidos

01. Que objetivos Gorbachev pretendia atingir ao implantar a perestroika e a *glasnost*?

Resposta

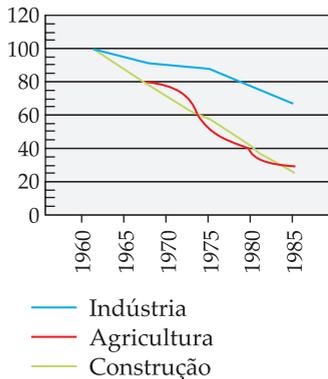
Com a perestroika, Gorbachev procurava implantar métodos mais eficientes de gestão da economia, apontando a necessidade de descentralizar a direção das empresas estatais e permitir algum avanço da propriedade privada, sobretudo no setor agrícola. Com a *glasnost*, abrandou a censura, o que possibilitou maior liberdade de expressão na vida cultural.

02. Por que a queda do muro de Berlim é considerada um acontecimento fundamental na história do século XX?

Resposta

A queda do muro de Berlim é considerada um acontecimento fundamental porque ele simbolizava a própria divisão do mundo entre o capitalismo e o comunismo. Sua destruição significou o desmoronamento do socialismo na Europa Ocidental e também o fim da Guerra Fria.

03. (UFV-MG) A figura a seguir ilustra a vertiginosa queda da taxa de produtividade na ex-URSS, no período de 1960 a 1985. Todas as alternativas adiante tratam das causas e/ou conseqüências desse processo, **exceto**:



Fonte: N. Shmelev e V. Popov, *The Turning Point*

a) em parte, a produtividade decrescente nos três ramos principais da economia soviética corresponde ao equivalente à tendência da queda da taxa de lucro, já identificada por Marx para as economias capitalistas.

b) ao detectar a queda da produtividade, a liderança da ex-URSS tentou contornar o problema recorrendo a financiamentos, investimentos e tecnologia dos países capitalistas centrais.

c) os métodos de administração centralizados, que na fase inicial se mostraram eficazes para o aumento da produtividade tornaram-se, a partir dos anos 60, um entrave para a continuidade da alta taxa de produção.

d) no período, continuou havendo uma estreita relação entre as inovações tecnológicas oriundas dos centros de pesquisa e sua rápida incorporação ao processo produtivo.

e) a perda da corrida econômica com as potências capitalistas acarretou graves implicações políticas, devido ao fato de que a alegada superioridade econômica do sistema soviético era a principal base de legitimação dos seus governantes.

Resposta: B

A política de fechamento da URSS e do bloco socialista marcou o período do pós-guerra. (Ex. "Cortina de Ferro")

4. O Pós-Guerra (1945-anos 80/90)

Ao longo de quatro décadas, a ordem mundial que predominou nos quatro cantos do planeta foi **bipolar**, marcada pelos constantes conflitos e disputas entre as duas superpotências (EUA X URSS) e pela divisão do mundo em dois blocos: o capitalista e o socialista. A principal contradição dessa ordem mundial era o conflito leste/oeste entre os dois sistemas estruturalmente antagônicos.

5. A "Nova Ordem" (Anos 90-)

A nova ordem mundial está sendo definida como "monopolar" por alguns pensadores e "multipolar" por outros; os que defendem a monopolaridade, isto é, uma única potência mundial, são considerados mais tradicionalistas. Estes argumentam que o poderio bélico norte-americano garante o *status* de superpotência mundial.

A corrente que defende a multipolaridade baseia sua tese no poder econômico e tecnológico, identificando assim vários centros mundiais de poder.

Os três grandes centros ou potências mundiais de poder econômico-tecnológico e político-diplomático são, respectivamente, os EUA, o Japão e a União Européia.



Na transição do século XX/XXI, acredita-se na possibilidade do aparecimento de um novo centro de poder mundial: a China. Com uma economia dinâmica e diversificada, caminha rapidamente para alcançar o *status* de grande potência mundial.

A Rússia, por sua vez, apesar da herança militar-nuclear soviética, não é mais considerada como uma potência, e sim como um estado da periferia européia.

6. A Multipolaridade

O século XX foi marcado, na sua fase inicial (1900-1945), por uma ordem multipolar. Após a Segunda Guerra, tornou-se bipolar por cinco décadas e terminou com uma nova multipolaridade.

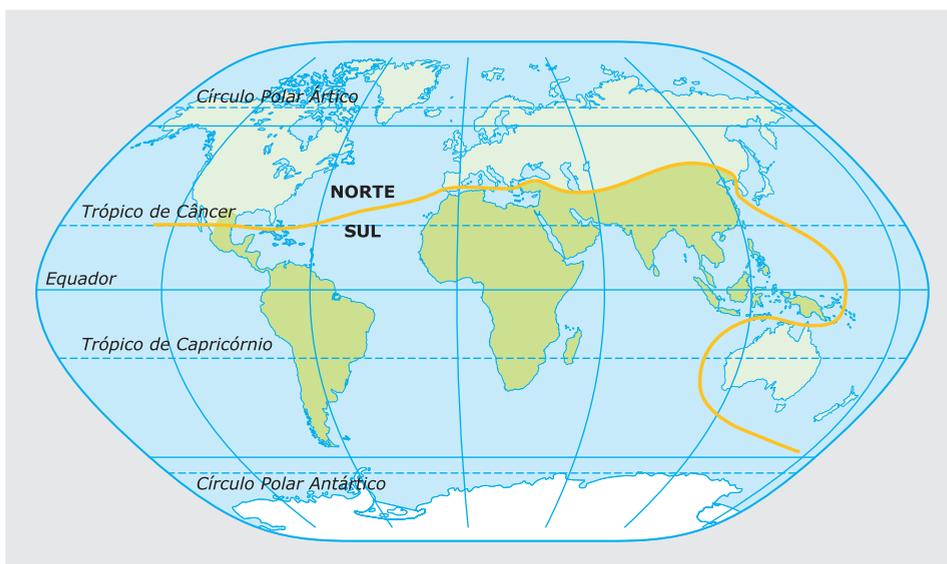
Comparando a multipolaridade atual com a do início do século XX podemos observar:

I – No início do século XX existia uma instituição fundamental: o Estado nacional (ex.: Inglaterra, Alemanha, França etc.), e tudo girava em torno de suas relações econômicas e político-militares. Na atual conjuntura, há um sensível enfraquecimento do Estado nacional, e outras instituições de caráter internacional passaram a participar – a ONU em primeiro plano, e tam-

bém as empresas multi/transnacionais e as diversas organizações mundiais governamentais e não governamentais (ex.: meio ambiente, direitos humanos, saúde...).

II – No início do século XX, vivia-se uma conjuntura de “paz armada”: as rivalidades entre potências conduziam inevitavelmente a conflitos bélicos entre si (ex.: Primeira e Segunda Guerras Mundiais). Atualmente é improvável que isso aconteça, pois, no lugar de uma disputa acirrada pela hegemonia mundial, existe uma crescente cooperação, uma interdependência, inclusive com a criação de mercados regionais (ex.: UE, Mercosul, Alca etc.) ou blocos econômicos. Desse modo, as três grandes potências são, ao mesmo tempo, concorrentes e associadas, possuindo interesses conflitantes e muitos outros em comum.

A “ordem mundial”, que era definida como dicotômica, ou seja, predominava a oposição entre o capitalismo e o socialismo, foi substituída por uma “nova ordem” pluralista, ou seja, que possui várias frentes diversas de oposição, como ricos/pobres; cristãos/muçulmanos; interesses econômicos/consciência ecológica etc.



(N↑) ricos X pobres (S↓)



7. O Neoliberalismo

Modelo que vem sendo posto em prática nas duas últimas décadas do século XX (anos 80/90), nos países capitalistas, e que tem por princípio fundamental o afastamento do Estado em relação à gestão de diversos setores da economia. Diferencia-se do liberalismo “clássico” quanto à circulação internacional de bens e capitais. No neoliberalismo é emblemática a preocupação em se formarem blocos econômicos que ajudassem a suprimir gastos com a circulação de produtos e capitais. Portanto, a globalização é filha do neoliberalismo.

Podemos considerar como precursores do modelo neoliberal os governos da Inglaterra (M. Thatcher) e dos EUA (R.Reagan) no início dos anos 80, quando ocorreram profundos cortes de investimentos sociais, internamente, e tornou-se patente a preocupação com a formação de blocos econômicos que ajudassem a suprimir gastos com a circulação de produtos e capitais. Portanto, a globalização é filha do neoliberalismo.

8. Globalização?

Não há uma definição que seja unânime. Ela está definitivamente na moda e designa muitas coisas ao mesmo tempo. Há a interligação acelerada das economias naci-

onais, há a possibilidade de movimentar bilhões de dólares por meio da Internet em segundos, como ocorre cotidianamente nas Bolsas de todo o mundo, há a chamada “terceira revolução tecnológica”, fundamentada no processamento, difusão e transmissão de informações. Os mais otimistas acreditam que a globalização define uma nova era da história da humanidade, enquanto os mais críticos a identificam como um “Neo-Imperialismo”.

Globalização e mundialização são praticamente sinônimos. Os norte-americanos falam em globalização. Os franceses preferem o termo mundialização. Por outro lado, o termo internacionalização também é usado no sentido de designar qualquer coisa que escape ao âmbito do Estado Nacional.

Sobre o processo atual da globalização, não há um consenso. Fala-se no início dos anos 80, quando a tecnologia de informática se associou à de telecomunicações (ex.: Internet), outros acreditam que a globalização aconteceu mais tarde, com a queda das barreiras comerciais.

8.1. Características Básicas

Não se pode confundir a globalização com a presença de um mesmo produto, em qualquer lugar do mundo. A globalização pressupõe a padronização dos produtos (ex.: um tênis Nike ou um Big Mac.) e uma estratégia unificada de marketing mundial, objetivando a padronização e a fixação da imagem do produto junto aos consumidores.

As empresas globalizadas preocupam-se muito mais com marketing, representando a maior parte de seus investimentos. Se em determinado país as condições de seu fornecedor se tornaram desfavoráveis (ex.: os juros aumentaram), a empresa globalizada busca outro fornecedor em outro país. Ela não perderá tempo em promover *lobby* sobre determinado governo para que o crédito volte a ser competitivo.

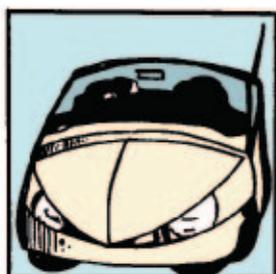
8.2. Problemas e Conseqüências

A globalização não tem beneficiado a todos de maneira uniforme. Uns ganham muito, outros ganham menos, muitos perdem. Na prática exigem menores custos de produção e maior tecnologia. A mão-de-obra menos qualificada é simplesmente descartada. O problema não é só individual. É um drama nacional dos países mais pobres, que perdem com a desvalorização das matérias-primas que exportam e o atraso tecnológico (ex.: América Latina, África, Ásia etc.).

Em seus relatórios sobre o desenvolvimento humano, a ONU comprova que “a globalização está concentrando renda: os países ricos ficam mais ricos, e os pobres, mais pobres”. Há muitos motivos para tal situação, dentre eles:

- I. A redução das tarifas de importação beneficiou muito mais os produtos exportados pelos mais ricos.
- II. Os países mais ricos continuam a subsidiar seus produtos agrícolas, inviabilizando as exportações dos mais pobres (ex.: protecionismo dos EUA e Europa × Brasil).

Globalização



CARRO
ALEMÃO



CAMISETA
CHINESA



COMPUTADOR
AMERICANO



TELEVISÃO
JAPONESA



ARMA
ISRAELENSE



DESEMPREGO
BRASILEIRO

Exercícios Resolvidos

01. Como definir a “nova ordem” mundial?

Resposta

A nova ordem costuma ser definida como multipolar. Isso quer dizer que existem vários pólos ou centros de poder no plano mundial. Hoje temos três grandes potências mundiais de poderio econômico, tecnológico e político-diplomático: EUA, Japão e União Européia.

02. O século XX começou com uma ordem multipolar, passou para a bipolaridade e terminou com uma nova multipolaridade. Que diferenças existem entre a multipolaridade deste fim de século e aquela do início?

Resposta

A primeira grande diferença é que no início do século havia somente um agente cenário internacional: o Estado Nacional (como, por exemplo, Inglaterra, Alemanha etc.) e tudo girava ao redor de suas relações econômicas e político-militares. Já nos dias modernos, há um relativo enfraquecimento do Estado-Nação e um de outros agentes internacionais – a ONU, em primeiro lugar, e também as empresas multinacionais e as diversas organizações mundiais (governamentais e não governamentais) que atuam nas áreas ambiental, econômica, cultural, técnica etc.

Em segundo lugar, no início do século, vivia-se uma situação de pré-guerra: as rivalidades entre potências conduziam inevitavelmente a conflitos bélicos entre si, o que ocorreu efetivamente de 1914 a 1918 e novamente de 1939 a 1945. Hoje isso é extremamente improvável de acontecer, pois, no lugar de uma disputa acirrada pela hegemonia mundial, existe uma crescente cooperação, uma interdependência, inclusive com a criação de mercados regionais ou blocos econômicos. Dessa forma, as três grandes potências são ao mesmo tempo rivais e associadas, possuem alguns interesses conflitantes e inúmeros outros em comum.

03. Quais as frentes de oposição que caracterizam a nova ordem?

Resposta

A ordem mundial era tida como dicotômica ou dualista, ou seja, predominava a oposição entre o bem e o mal, entre o capitalismo e o socialismo. A nova ordem é pluralista, ou seja, possui várias frentes de oposição, como ricos/pobres; cristãos/muçulmanos (islâmicos); interesses mercantis/consciência ecológica etc.

A partir da leitura dos textos abaixo, responda às perguntas a seguir.

A queda da Bolsa de Valores de Hong Kong (outubro-novembro/97) levou 13 segundos para cair como um raio sobre São Paulo e Tóquio, Nova Iorque

e Tel-Aviv, Buenos Aires e Frankfurt. Eis ao vivo, e em cores, a globalização.

Clóvis Rossi – do Conselho Editorial – Folha de S. Paulo

O furacão financeiro que veio da Ásia, passou pela Europa, Estados Unidos e chegou ao Brasil, teve pelos menos uma vantagem didática. Ninguém pode mais alegar que nunca ouviu falar da globalização financeira. Até poucos meses, é provável que poucos soubessem onde ficava a Tailândia ou Hong Kong. Hoje muita gente sabe que um resfriado nesses lugares pode virar uma gripe aqui. Especialmente se fizer uma escala em Nova Iorque.

Celso Pinto – do Conselho Editorial – Folha de S. Paulo

04. O que é essa globalização e como ela se manifesta?

Resposta

Não há uma definição que seja aceita por todos. Ela está definitivamente na moda e designa muitas coisas ao mesmo tempo. Há a interligação acelerada dos mercados nacionais, há a possibilidade de movimentar bilhões de dólares por computador em alguns segundos, como ocorreu nas Bolsas de todo o mundo, há a chamada “terceira revolução tecnológica” (processamento, difusão e transmissão de informações). Os mais entusiastas acham que a globalização define uma nova era da história humana.

05. Qual a diferença entre globalização, mundialização e internacionalização?

Resposta

Globalização e mundialização são quase sinônimos. Os americanos falam em globalização. Os franceses preferem mundialização. Internacionalização pode designar qualquer coisa que escape ao âmbito do Estado Nacional.

06. Quando o mundo começou a ficar globalizado?

Resposta

Novamente, não há uma única resposta. Fala-se em início dos anos 80, quando a tecnologia de informática se associou à de telecomunicações. Outros acreditam que a globalização começou mais tarde, com a queda das barreiras comerciais.